

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Daniela Alves da Silva

**CULTURA OPERÁRIA: UM ESTUDO DE CASO DO VILLA
NOVA ATLÉTICO CLUBE**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em História da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre.
Linha de pesquisa: Culturas Políticas.
Orientador: Prof. Dr. João Pinto Furtado**

**Belo Horizonte
2007**

Em memória de minha querida mãezinha que foi a companheira nos trabalhos de campo. Esteve presente nos momentos mais difíceis, mas com seu afeto de mãe soube confortá-los. Prontificou-se a ouvir as leituras nos momentos de solidão, enquanto muitos não se disponibilizavam. Aguardou com ansiedade o momento final deste trabalho e não teve a oportunidade de presenciá-lo.

Para Guilherme, Mateus e Romeuzinho, os alicerces da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor João Pinto Furtado, por sua competência e generosidade, pela orientação segura, dedicação e carinho demonstrados nesses anos de convivência.

À professora Carla Anastasia pela sugestão do tema.

Agradecimentos especiais às professoras Betânia e Elisa Linhares.

À grande amiga Enilde Fortunato Castro, pela troca de experiências, alegrias e angústias.

A Yonne Grossi, Dora, Myriam Becho e Elizângela pelo apoio, amizade e carinho.

Aos funcionários da biblioteca pública de Nova Lima pela receptividade.

A Renata (minha irmã), Maria da Saúde, Carlos Eduardo, Alicina e Dona Maria pelo incentivo constante.

A Vovó Alzira e todas as tias e primos que acreditaram e torceram por mim.

A Deus por sua magnificência em nos dá vida e a oportunidade na escolha do destino.

A todos os entrevistados que, em momentos inesquecíveis, contaram a história do cotidiano operário e do futebol em Nova Lima.

RESUMO

Nos últimos anos, o futebol tem sido um tema de debate nas universidades. Estudá-lo, como um fenômeno capaz de explicar relações de sociabilidade, em determinado contexto sócio-cultural e sócio-político, é um desafio neste trabalho.

Esta dissertação versa sobre a análise da cultura operária através do estudo de caso do clube de futebol Villa Nova Atlético Clube. Tem o objetivo de pesquisar a construção de identidades em Nova Lima, Minas Gerais, durante as cinco primeiras décadas do período republicano, a partir do exame de um esporte, criado e cultivado pelos *donos e pelos trabalhadores da mina* de Morro Velho. Também a pesquisa traz um viés político na tentativa de investigar possíveis articulações entre esse lazer esportivo e a prática sindical dos trabalhadores da empresa *Saint John d'El Rey Mining Company*.

Foram utilizados, como fonte de pesquisa, documentos, livros, jornais, revistas e estatutos do clube que enfocam o objeto em estudo. Devido à escassez desses materiais, recorreu-se, ainda, à história oral como metodologia complementar.

O trabalho busca contribuir para a possível compreensão da cultura operária através do estudo de um fenômeno, responsável pela criação de novo contexto social na vida dos novalimenses, no início do século XX.

ABSTRACT

In the past few years, soccer has been the topic of academic debates. An investigation of soccer as a phenomenon capable of accounting for social relations in a given cultural context is the challenge proposed in this work.

The present master's thesis analyzes cultural manifestations of the working class through a case study of the soccer team Villa Nova Atlético Clube. This work intends to investigate the development of forms of identity in Nova Lima, in the state of Minas Gerais, during the first five decades that followed the Proclamation of the Republic, following the exam of a sport that was created and fostered by the *owners* of the Morro Velho mine and its *workers*. This research is also invested with a political aspect insofar as it attempts to look into possible articulations between the sport's activity and the workers union at Saint John d'El Rey Mining Company.

The sources that cover the topic and used for the research were books, documents, newspapers, periodicals, and the team's statute. Given the scarcity of sources, this thesis resorted also to oral history as a way to complement the research methodology.

This work intends to contribute to a possible understanding of workers' culture through a study of a phenomenon that led to the formation of a new social context in the lives of Nova Lima inhabitants in the beginning of the twentieth century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
“O ESPORTE FIDALGO SE PULARIZOU!”	21
1. O futebol.....	21
2. O futebol de fábrica.....	27
3. Lazer e Cultura Operária.....	33
3.1 A cidade de Nova Lima.....	35
3.2 O lazer dos operários.....	37
CAPÍTULO II	
OPERÁRIOS DA MORRO VELHO E FUTEBOL: “O ORGULHO DE NOVA LIMA”	40
1. Capital/Trabalho no registro da memória.....	40
2. O clube esportivo de Nova Lima.....	45
2.1 Os primeiros anos de um lazer operário.....	51
2.2 Villa Nova: lugares e poderes.....	58
2.3 O espetáculo.....	66
CAPÍTULO III	
PAIXÃO E POLÍTICA: O FUTEBOL E AS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE.....	81
1. Esporte e associações de classe.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
BIBLIOGRAFIA.....	91
ANEXO.....	96

Espero que a cultura plebéia tenha se tornado um conceito mais concreto e utilizável, (...) situado no ambiente (...) de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho, exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência. Desse modo, assim espero, a "cultura popular" é situada no lugar material que lhe corresponde.

E. P. Thompson.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o processo de formação e consolidação do futebol¹ em Nova Lima no meio operário, como componente sócio-cultural e sócio-político. Procura identificar as formas de sociabilidade e de identidades coletivas construídas em torno de suas atividades durante as cinco primeiras décadas da República, período em que operários da *Saint John d'El Rey Mining Company* eram obrigados a se filiarem no clube futebolístico da empresa. Propõe-se, ainda, verificar se os sócios da associação recreativa ou esportiva da cidade também fizeram parte de sindicatos, ou possíveis formas de associações operárias.

Este estudo de caso pode ajudar a entender a própria lógica que originou a formação de uma identidade voltada para o lazer, porém com pretensões políticas, seja ela como forma de controle ou prática de resistência. Através da experiência dos muitos sujeitos que, por décadas, disputaram em torno de uma bola mais do que um jogo, pode-se buscar os fios que deram forma a esse processo, na tentativa de compreender o movimento que alimentou a consolidação do futebol em Nova Lima.

Com a História Nova os estudos historiográficos atingiram novos rumos. Segundo ODÁLIA *apud* BURKE (1997):

“Abre-se o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiram ao historiador ampliar sua visão do homem”. (ODÁLIA *apud* BURKE, 1997: 07)

¹ Neste estudo pretende-se qualificar o futebol entre os operários como cultura popular. Isso porque a partir dos anos 1980 com base em Antônio Gramsci, E. P. Thompson e Bakhtin ao invés de se falar em subcultura, passou-se a usar o termo cultura popular.

Ressalta-se que essa inovação esteve mais aberta e propícia a outras por volta de 1968 com a Terceira Geração dos Annales. Assim, torna-se possível analisar a cultura operária na dinâmica das culturas políticas que trabalha a política não apenas no nível da consciência e da ação informada por projetos e interesses claros e racionais, mas também no nível “sub-liminar”, das representações, do comportamento e dos valores.

A cultura política, por conseguinte, se faz ferramenta teórico - metodológica importante para que possamos observar e tratar analiticamente as representações e práticas socialmente articuladas sobre o poder. Sobre como os sujeitos históricos se comunicam, como estabelecem significados para atos e anúncios políticos. Essa noção ainda permite a análise do espaço simbólico como um campo de disputa pelo poder político. Propõe a percepção das representações sociais que o poder faz de si mesmo como um dos tantos mecanismos que ele articula para convencer a sociedade de sua legitimidade, eficácia e, sobretudo, de sua capacidade de se fazer respeitar.

Torna-se pertinente aplicar esse método para estudar as culturas operárias. Através desse estudo, será possível estabelecer distinções e tendências dos diferentes sujeitos envolvidos, principalmente relacionados com categorias de cultura política.

Ao tratar o conceito de cultura, NORI (2002:95) escreve que, ao mencioná-la, estamos resgatando o significado original de seu próprio vocabulário, pois o termo cultura provém do latim *Colore*, sinônimo de cultivar, tomar conta, criar. Esse entendimento propõe um cultivo do saber e das virtudes que acabam por definir um caráter transcendente à cultura, uma vez que é ela a responsável pelo

aprimoramento das relações do homem consigo mesmo, com seus semelhantes e com a natureza, capacitando-o a superar sua condição meramente animal.

Para MIRANDA, *apud* NORI (2002):

“Cultura não se restringe, todavia, a um conjunto de práticas sociais, quaisquer que sejam elas, destituídas de sentido, propósito e direção. Para um pensador do porte de Michel de Certeau, só ocorre verdadeiramente cultura quando o agente cultural assume consciência das razões de sua ação e de sua criação. Esse agente cultural – mergulhado nos atos rotineiros da existência cotidiana – ascende ao nível de criador no exato momento em que age e, simultaneamente, evoca integralmente o sentido de agir”. (MIRANDA *apud* NORI, 2002:95).

Segundo BATALHA (2000:63), durante a Primeira República revelou-se um extraordinário universo de manifestações culturais e associativas. Associações dançantes, carnavalescas, musicais e esportivas pulularam, coexistindo de forma nem sempre harmoniosa com sociedades de caráter mais militante, que as viam com desconfiança e hostilidade por não enfatizarem um caráter de classe. Em ambos os casos, o público era fundamentalmente o mesmo: as classes trabalhadoras. No entanto, no caso das associações do primeiro grupo, essa identidade era com freqüência suplantada por outras: a etnia, o bairro, o grupo carnavalesco, o time de futebol, etc. “É bastante provável que muitos sócios dessas associações recreativas ou esportivas também fizessem parte de sindicatos”. Segundo o autor quando se fala em cultura operária nesse período subentende-se, primordialmente, a cultura militante produzida pelas sociedades operárias e pelas correntes políticas, com ênfase no anarquismo. No caso em estudo essa última afirmativa de BATALHA necessitaria de ser flexibilizada. Ainda mais que as manifestações anarquistas até então encontradas no meio operário da cidade de Nova Lima, não nos autorizam a concordar com BATALHA².

² Nossa pesquisa aponta em 1907 apenas a presença militante de um anarquista mobilizando operários para uma greve (RODRIGUES, S/d).

Ainda de acordo com BATALHA (2000), as sociedades operárias também desenvolveram todo um calendário de celebrações e solenidades, que se tornou elemento essencial da cultura militante. Faziam parte desse calendário datas como o aniversário de fundação de cada sociedade; o quatorze de junho, celebrando a queda da Bastilha e a Revolução Francesa; o dia treze de outubro, aniversário do fuzilamento do educador anarquista catalão Francisco Ferrer; e a mais importante de todas as datas para o movimento operário, o 1º de maio, indissociável da luta pela jornada de oito horas de trabalho. Nessas ocasiões eram realizadas, nas sedes das associações ou em salões alugados, conferências de propaganda geralmente com um orador convidado a falar sobre a data ou algum tema afim. Essas conferências podiam ser acompanhadas de apresentações musicais ou peças teatrais de teor militante e, em alguns casos, encerrando a celebração, havia um “baile familiar” (para distinguir dos promovidos por clubes carnavalescos). Houve um predomínio de celebrações em locais fechados, com exceção das celebrações do 1º de maio, que adquiriram uma dimensão pública mais cedo, até fins da década de 1910.

Entretanto, o dia do trabalhador que deveria, na perspectiva de seus idealizadores, simbolizar a união da classe operária foi também uma ocasião para desavenças entre as diversas correntes ideológicas. Assim, não faltaram controvérsias em torno da interpretação da data e da forma apropriada de celebrá-la, opondo anarquistas e socialistas, sindicalistas revolucionários e reformistas, libertários e comunistas, o que muitas vezes acarretou manifestações separadas em diferentes locais. Portanto, o 1º de maio, como de resto toda a cultura operária militante, foi um palco da disputa pela hegemonia política e cultural da classe operária, sem que isso eliminasse o fato de que havia muito em comum entre as várias correntes.

A partir disso, as celebrações se popularizaram e se tornaram mais atrativas, sendo realizadas ao ar livre e incluindo na programação divertimentos capazes de atrair mais público, como números circenses. Os festivais operários desse período são o exemplo mais evidente dessa mudança como, em São Paulo no início dos anos 20, os festivais em favor do jornal *A Plebe*. Essa mudança na cultura operária militante teve reflexos especialmente na relação com o esporte. Assim, ao invés de encarar o futebol com desconfiança, algumas associações, particularmente aquelas que já nos anos 20 estavam sob influência dos anarquistas, passaram a estimular a criação de times de trabalhadores, aproximando a cultura operária militante da cultura dos trabalhadores não-militantes.

Embora os estudos de BATALHA o levassem a uma análise dos anarquistas, pode-se retirar deles elementos substantivos para se examinar aspectos da cultura operária. É o que se pretende nessa dissertação, sendo que em Nova Lima, não há fortes indícios da presença anarquista e sim da comunista. O futebol de fábrica introduzido pelos ingleses adquiriu uma conotação cultural incentivadora ao lazer de uma classe trabalhadora que vive quase que de forma exclusiva para o trabalho sem maiores expectativas de vida. Provavelmente, o lazer seria visto pelos ingleses como um objeto relevante capaz de desviar atenções e aumentar a produção na empresa.

De acordo com BATALHA (2000), a despeito de ter constituído mais um campo de luta política entre as correntes que dividiam o movimento operário, essa disputa foi, antes de tudo, um terreno de combate à ideologia e aos valores das classes dominantes. “No espaço das celebrações foi possível, por um breve instante, sonhar e viver um outro mundo de fraternidade, igualdade e justiça”.

Analogamente, atribuímos essa análise a CASTRO (1997), que entende a cultura operária como algo que incorpora uma das mais importantes tensões

criadoras vividas pela Sociologia, em geral, e pela teoria marxista, em particular. Introduz em seus esquemas analíticos uma variável que considera perturbadora, qual seja a da subjetividade dos agentes sociais, expressa na sua capacidade de interpretar, de conferir significado e produzir representações partilhadas a respeito dessas significações. Nesse sentido, ela assume o desafio de pensar os sujeitos na sua dupla dimensão, e isto porque estamos trabalhando com aqueles capazes de se submeter a formas de dominação, assim como, de assenhorear-se do processo de construção de suas exigências. Segundo a autora, os estudiosos da cultura operária mostraram-se sensíveis ao debate. Eles se voltaram para pensar o impacto das representações e simbolizações não apenas na representação da dominação, mas na produção da transformação, na criação de práticas de resistência, na construção de uma identidade fundada no reconhecimento da alteridade, conforme exposto no fragmento abaixo:

“Os estudos sobre cultura operária fizeram avançar as análises de viés marxista ao desbravarem um campo bastante criador: o dos espaços sociais de construção dessa identidade de operários, remetendo a análise empírica para espaços sociais cada vez mais longínquos da produção: o sindicato, a política, o estado; mas também, a família, o bairro, as comunidades religiosas, as diversas formas associativas. Todos eles tornavam-se provedores dessa cultura de operários, da constituição subjetiva desses atores coletivos”. (CASTRO, 1997:16).

CASTRO (1997), ao se referir a WILIS (1979), considera a cultura operária como um fenômeno que não pode ser entendido como uma simples resposta a imposições que embotam a compreensão “verdadeira” das relações sociais, nem tampouco pode ser um modelo discursivo simplesmente reativo, de mera compensação diante da importância da condição de explorado. Ao contrário, cultura no trabalho ocupa os mesmos espaços e demanda o exercício das mesmas

potencialidades humanas por cuja apropriação também luta o capital em seu processo de valorização e acumulação. Distintas lógicas culturais informam a interação dos agentes no trabalho.

Ainda de acordo com CASTRO (1997:12), quando se trata de cultura operária “devemos pensar o sujeito em sua dupla dimensão, isto é, *sujeitos a*, porque sujeitados, submetidos a formas de dominação. Mas também *sujeitos de*, porque são capazes de assenhorear-se do processo de construção das suas existências”. A proposta deste trabalho é adotar a segunda opção, pois pretende-se fazer um estudo voltado para os sujeitos capazes de assenhorear-se do processo de construção das suas existências. A autora revela que as formulações sobre a produção e as práticas culturais dos grupos de operários e seu nexos com a reprodução social refletem, elas mesmas, um modo de organizar e hierarquizar os fenômenos da vida social fundado na idéia de que era no trabalho que os homens estabeleciam as relações sociais mais decisivas. Dessa centralidade decorria a importância do que nele se passava para o entendimento da reprodução social num sentido mais amplo; daí se jogavam as cartas mais amplas. Nesse âmbito, era possível encontrar os atores sociais mais decisivos pela virtualidade com que suas ações continuavam o mundo das relações sociais. Um deles era o conjunto dos trabalhadores manuais, diretamente ligados à produção. Nesse momento, “mesclavam-se teoria e teologia, conferindo-se a um agente social o sentido libertário, a capacidade de, na defesa dos seus interesses particulares, representar interesses sociais de muito maior amplitude”³. A dinâmica social passaria, por isso mesmo, a requerer do conhecimento sobre as práticas e representações que

³ CASTRO, op. Cit.

adequavam atitudes e comportamentos desses agentes cruciais ao processo de reprodução das relações sociais.

Nesse contexto, torna-se pertinente observar as culturas operárias na dinâmica de inserção da cultura política, pois, como afirmou JACOBI:

“Por Cultura Política entendemos valores políticos que configuram a base tanto do discurso e das identidades e das ideologias políticas como da prática política a partir da configuração de valores formados historicamente. Como não se tem um significado claro em torno do termo, o fenômeno tem sido tratado na reflexão dos grandes paradigmas. O uso crescente do termo como categoria analítica e na linguagem do cotidiano do debate intelectual tem configurado a sua contemporaneidade na reflexão sobre as práticas dos movimentos sociais. O seu uso enquanto categoria relacional possibilita o confronto das orientações coletivas de atores sociais, não enquanto um discurso auto-referido, mas enquanto interpretação de uma dada realidade”. (JACOBI, 1988:49).

A cultura política, como escreveu SÁ MOTTA (1996), pode ser caracterizada como o conjunto de normas, valores, atitudes, crenças, linguagens e imaginário, partilhados por determinado grupo e tendo como objeto fenômenos políticos. O fenômeno não se aplica a fatos superficiais e passageiros.

Assim, é possível remeter-se aos discursos de formação da classe trabalhadora que, segundo THOMPSON (1997), em seu livro sobre o processo de formação da classe trabalhadora inglesa, é tanto um fato de história econômica quanto de história política e cultural.

No caso de Nova Lima, a empresa *Saint John d'El Rey Mining Company* empregava a maior parte da população. Controlava o comércio local e decidia o estabelecimento em que os operários podiam fazer suas compras. Beneficiava a população com atendimentos médicos que aos poucos passavam a ser cada vez mais necessários, devido ao elevado índice de doenças adquiridas no trabalho da mina como, por exemplo, a silicose. Adotou o futebol como principal forma de lazer

para os operários, além das festas promovidas em dias santos. Devido às condições de exploração do trabalho, grupos comunistas abriram caminho para manifestações de protesto colocando, assim, operários e patrão frente à situação de luta e exigência de melhores condições de trabalho, constituindo, com isso, uma consciência de classe. Segundo GROSSI, o berço do comunismo em Nova Lima esteve presente nos primeiros anos da década de 20⁴.

Para GROSSI (1981;81), o “comportamento segregativo” dos ingleses, “externalizando ostensivamente” um estado de desigualdade econômica e social, foi uma constante em Nova Lima, possibilitando, assim, a oposição de classe. Essa relação que negava direitos aos trabalhadores converteu-se no ponto de partida para a constituição do movimento operário.

SAVAGE (2004) afirma que o processo de “formação de uma classe implica a criação de ritmos e turnos temporâneos, rotineiros e típicos”, ou seja, “a formação da classe trabalhadora inglesa, acarretou a criação de toda uma série de ritmos temporais, abarcando jornada diária regulamentada, lazer aos finais de semana, férias de verão e daí em diante”.

Para a classe trabalhadora de Nova Lima, isso não foi muito diferente; o operário trabalhava diariamente, podendo praticar seu lazer aos finais de semana. Aos poucos os jogadores conquistaram seu espaço, podendo treinar duas vezes na semana para os jogos que ocorriam aos domingos. É possível pressupor-se que a empresa apropriava-se dessa prática para desviar a atenção das lutas de classe.

Para uma melhor compreensão do lazer operário é relevante ater-se novamente ao conceito de classe. Segundo THOMPSON (1987):

⁴ Para obter maiores detalhes ver: GROSSI, Yonne. *Mina de Morro Velho: a extração do homem*.

"Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas". (THOMPSON: 1987:09).

Para THOMPSON (1991), as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para o autor, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção, fundamentalmente); suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados); identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real. No presente trabalho, considera-se a classe operária em Nova Lima a partir da concepção elaborada por THOMPSON. Ou seja, será examinada sua dimensão cultural expressa numa cultura popular que é o futebol.

BATALHA, SILVA E FORTES (2004) revelam que os conceitos de classe e cultura operária têm sido submetidos a forte exame crítico, sobretudo por pressuporem, na visão de alguns, a existência de comunidades sociais integradas e culturalmente estáveis.

GROSSI (1981), em sua obra *"Mina de Morro Velho: a extração do Homem"*, ao se referir à experiência operária, relata:

"Dois fatores são de fundamental importância para permitir uma correta compreensão das relações entre política e classe no movimento operário em Morro Velho. Um deles refere-se à natureza da organização do trabalho e o

outro na mina influiu e direcionou o comportamento dos trabalhadores, transformando-se em fator básico para a orientação de suas reações”. (GROSSI, 1981:51-52).

Nos anos 30,

“ser admitido para trabalhar na Morro Velho exigia, em geral, apresentação de quem já estivesse empregado e situado em escala ascendente na hierarquia de funções. Em certo sentido, pode-se deduzir desse comprometimento empresarial, uma primeira tentativa de estabelecer lealdades múltiplas, não só ao nível de mediadores, como também dos agraciados com o emprego. Isso porque, na medida que critérios de admissão são particularizados, forjam-se condições para a emergência de regime de facilidades e privilégios individuais, de que a empresa pode se valer para manipular seus interesses, visando dividir a classe”. (*Ibidem*:56).

A consciência de classe faz-se então, ferramenta importante quando o assunto é cultura operária. Em Nova Lima os trabalhadores estavam se organizando em um forte movimento como demonstra os estudos de GROSSI (1981). Assim como, a empresa também se organiza e impõe condições de administração, na tentativa de obter uma equipe que pudesse defender seus ideais. Daí a forte inserção do esporte na vida dos trabalhadores.

Este trabalho tem suas matrizes pautadas em fontes primárias, assim como utiliza fontes secundárias, que auxiliam na compreensão de conceitos, e principalmente na expressão, tanto política quanto cultural em que se encontra o Brasil durante o corte cronológico aqui proposto.

São também utilizadas fontes orais. Estas são apropriadas neste estudo por “serem vozes do passado atualizadas no presente, que norteiam o futuro com a fonte maior da vida: a memória”. NORA (1984) denominou os documentos orais como sendo os lugares da memória. NEVES (s/d) o completa, afirmando que a memória humana, apesar de na maior parte das vezes se expressar individualmente, é inesgotável e múltipla. Nesse contexto, diante de dificuldades encontradas perante

as fontes escritas para se pesquisar, busca-se a história oral como um recurso metodológico de ingresso no passado através da memória, utilizando-se da narrativa. Em relação às fontes escritas, muitos dos periódicos aqui analisados são de publicação recente. Quando a imprensa em período de aniversário do Villa Nova Atlético Clube, fez um trabalho de memória. As fontes consultadas pelos pesquisadores são de publicação local e hoje pertencem a um acervo privado. As mesmas não foram disponíveis para análise e posterior elaboração desta dissertação. Entretanto, não impediu sua autenticidade. Ao que concerne ao estatuto do clube, embora em muitos aspectos não se diferencie dos demais existentes em outros clubes, trás pontos fundamentais de análise. Referindo-se as fotos contidas neste trabalho, essas aparecem somente em um caráter ilustrativo.

Esta dissertação foi desdobrada em três capítulos. O primeiro apresenta a passagem do futebol de elites para um nível popular chegando a ser incorporado pela fábrica. O segundo, focaliza a cidade de Nova Lima com seus operários da mina de Morro Velho que privilegiam o futebol de fábrica como seu lazer preferido. Lazer este que está presente na emergência de uma identidade coletiva trazendo consigo um viés político. Finalmente, o terceiro capítulo contempla uma configuração política pontuando as associações de classe.

Uma leitura atenta deste trabalho levanta alguns pontos de estrangulamento em sua elaboração. Quando da escolha temática para ele, foi feito levantamento prévio de possíveis fontes de informação de arquivos privados, com inclusão de um texto de publicação inglesa, não traduzido sobre o Villa Nova Atlético Clube de Nova Lima. Todavia, ao fazer o trabalho de campo, a pesquisadora não teve acesso a esses arquivos que continham jornais de época, revistas, documentos, etc., conforme informações anteriores. Acontece que a recusa da abertura dos arquivos

privados ligou-se a pretensões de seus proprietários em escrever livros sobre a História de Nova Lima e do Villa Nova, em homenagem ao centenário do clube. Com o tempo esgotado para elaboração de novo projeto temático, pensou-se em se apoiar nas palavras do notório professor Francisco Iglésias: “O pesquisador trabalha com as informações que consegue”.

Por fim, ressalta-se que esta pesquisa trata de uma primeira incursão na área, o que não esgota esse rico filão temático que é o futebol como uma cultura popular pertencente a uma das dimensões da cultura operária.

CAPÍTULO I

“O ESPORTE FIDALGO SE POPULARIZOU!”

Este capítulo tentará examinar a passagem do futebol de um patamar *fidalgo* para a categoria de esporte popular, chegando mesmo a fazer parte das atividades de lazer da fábrica. Ao penetrar na empresa fabril, este esporte irá aos poucos consolidar uma cultura popular no meio operário, com desdobramentos expressivos no caso em estudo, Nova Lima. A relevância da discussão proposta ancora-se em se buscar subsídios necessários para se apreender, posteriormente, a rica experiência do Villa Nova Atlético Clube de Nova Lima - MG.

1. O futebol

A origem do futebol tem várias interpretações, inclusive quando se trata da introdução do fenômeno no Brasil. O futebol não é uma cultura política, mas o futebol de fábrica pode ser considerado uma prática política. O futebol era a forma de lazer mais instigante tanto para os operários quanto para os ingleses, por ser um esporte atraente, prazeroso e disciplinador, harmonizava o corpo com a mente. Em uma página de propaganda da *Revista Vida Esportiva de 1950*, dizia: “o operário brasileiro, homem de vanguarda na luta pelo engrandecimento da Pátria, deve ser apoiado, física e moralmente, para que, forte e confiante, vença na batalha da produção”.

Todavia, a regulamentação do esporte veio dos ingleses. Coube a The Football Association (F.A.) regulamentar e estruturar as regras que serviram de

base para o desenvolvimento do esporte, atualmente mais conhecido em todo o mundo. Foram treze regras mais importantes, aprovadas a oito de dezembro de 1863 e publicadas na revista Bell's Life. Com alterações ao longo dos tempos, elas produziram e fizeram crescer o futebol.

Segundo AGOSTINO (2002:21), não demorou muito tempo para o futebol deixar de ser uma prática educacional das escolas inglesas e se tornar o esporte mais popular do país. Em 1855, no condado de York, em Sheffield, centro industrial de aço, foi fundado o primeiro clube inglês voltado especificamente para esse esporte. Poucos anos mais tarde, em 1863, em Londres, em encontro histórico na Taverna dos Maçons Livres, representantes de várias escolas concordaram em abrir mão de suas idiosincrasias em relação a como jogar e estabeleceram regras comuns, codificando o que era ou não permitido. Em algumas discussões que se seguiram em busca da regra comum, entrou em pauta a definição do número de participantes, requisito fundamental para estabelecer um novo conceito de disciplina.

Para Gilberto Agostino:

“Talvez não seja exagero afirmar que o futebol moderno tenha nascido quando se fixou claramente a demarcação entre aqueles que jogavam e aqueles que assistiam ao jogo, superando os tradicionais embates durante os jogos de rua, nos quais qualquer um podia entrar a qualquer momento. E os representantes de escolas decidiram que cada equipe deveria ter onze participantes, um número inicialmente casual, mas que acabaria se impondo aonde quer que o jogo à moda inglesa fosse praticado”. (AGOSTINO, 2002:21).

Por volta de 1865, um grupo de ingleses já havia levado o futebol para Buenos Aires. Em 1870, chega à França. Em 1871, começou a disputa da primeira Taça da Inglaterra, com quinze equipes de todo país, e o Wanderers conquistou o título de campeão. Desde então, o futebol passa a conquistar o mundo. Três anos

depois, começa a ser praticado na Dinamarca. A Alemanha e Portugal o receberam um pouco antes⁵.

O futebol, como afirma GIULIANOTTI (2002), nasceu da classe dominante, popularizou-se com a revolução fordista e se tornou um vértice de conteúdos simbólicos e sociais. Passou a ser “de massa” com a urbanização e industrialização. Possibilitou que diferentes culturas e nações construíssem formas particulares de identidades por meio de sua interpretação e prática de jogo. Como afirma o autor:

“(…) de maneira mais específica, as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado. (…) sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosóficas e identidades culturais de muitos e muitos povos”. (GIULIANOTTI, 2002:48).

RAMOS (1984), ao tratar a polêmica da introdução do futebol no Brasil, sustenta a tese de que os marinheiros ingleses chegaram ao Rio de Janeiro em 1877, com uma bola, e lá teriam realizado as primeiras partidas. O autor, ao se referir a VINNAI, escreve:

“Os burgueses descobriram o futebol, como meio de despolitização dos trabalhadores na década de 1860. As massas do proletariado industrial começaram a interessar-se por este esporte. Os empresários ingleses aproveitaram a oportunidade. Fomentaram o seu desenvolvimento. O objetivo era claro. Eles precisavam manter os operários à margem da atividade política dentro de suas organizações de classe”. (VINNAI, 1978:111 *apud* RAMOS, 1984:26).

A versão mais aceita da introdução do futebol no Brasil é apresentada por PEREIRA (2000:22): dois brasileiros com ascendência inglesa, que estudaram na

⁵ ESTADO DE MINAS – 1º caderno – 19/06/1986.

Europa, ao regressarem ilustram o perfil futebolístico elitista da época. Em São Paulo, o futebol foi introduzido em 1894 pelo paulista Charles Muller, um brasileiro com nome anglo-saxão. No Rio de Janeiro, Oscar Cox tem seu nome como principal precursor do futebol de elite na antiga capital do País. De acordo com PEREIRA, histórias como a dos dois pioneiros servem para atestar o caráter elitista dos primeiros tempos do esporte no Brasil (apesar de sua tendência proletária), nascido pelo impulso isolado de alguns grupos abastados que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada república brasileira. O futebol tinha definido em seus primórdios o caráter restrito que caracterizaria seus primeiros tempos. Ao eleger como marcos iniciais no Brasil figuras como Charles Muller e Oscar Cox, memorialistas participaram do processo de criação de um registro do futebol brasileiro que, no fundo, nada tinha de original. Vendo nos primeiros tempos um perfil aristocrático e elitista, fizeram da história particular do jogo o reflexo de uma história mais ampla criada para o início da jovem república, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente.

Entretanto, outro estudo afirma que essa versão não passou de uma criação republicana. Segundo pesquisa realizada por SANTOS NETO (2000), Charles Muller não foi o introdutor do futebol no Brasil, como registra a história oficial. A modalidade teria chegado aos campos de terra batida tupiniquins por intermédio de jesuítas. A obra “*Visão do Jogo – Primórdios do futebol no Brasil*” revela que já era praticada no país desde os anos 80 do século XIX. Charles Muller, nascido em São Paulo, criado e educado na Inglaterra, só regressou ao Brasil em 1894 quando trouxe na bagagem um livro de regras do Association Football, uma camisa do Banister School e outra do St. Mary, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras. Segundo o

autor, o responsável indireto pela introdução do esporte que viria a se tornar o mais popular no Brasil foi o jurista, jornalista, diplomata e político Rui Barbosa.

Em 1882, o então deputado pelo Partido Liberal apresentou à Câmara do Império, a pedido de D. Pedro II, um parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e das Instituições Complementares de Instrução Pública. O objetivo era erguer um sólido sistema educacional, capaz de reverter indicadores dramáticos, apontando que apenas 16% da população brasileira eram alfabetizados.

No que concerne à Educação Física nas escolas, Rui Barbosa defendeu a introdução de exercícios ao ar livre, racionalmente variados, de maneira que os músculos funcionassem harmoniosamente. Preocupadas em se adaptar à nova realidade, as melhores instituições de ensino decidiram enviar comitivas a vários colégios europeus. Pela primeira vez, segundo SANTOS NETO (2000), o futebol virou uma opção para o Brasil. Em São Paulo, uma das escolas que se destacou na introdução de novas práticas esportivas foi o Colégio São Luís, de Itu, onde estudava parte dos filhos da elite paulista. De volta da excursão à França, Alemanha e Inglaterra, os padres jesuítas desse educandário trouxeram algumas novidades. Entre elas, estava o posteriormente chamado esporte bretão, modalidade que passou a integrar, entre 1880 e 1890, as práticas esportivas do colégio.

De acordo com o autor, um dos integrantes da missão que percorreu a Europa, o padre José Mantero, que mais tarde se tornaria reitor do Colégio São Luís, havia trazido do exterior duas bolas. Essas consistiam em câmaras de ar sob um envoltório de couro, chamado de capotão. “Porém, à medida que as câmaras importadas foram se desatando, os jesuítas as substituíram, com resultados satisfatórios, por bexigas de boi”.

Até 1887, ainda conforme SANTOS NETO (2000), padres e alunos jogavam juntos, mas não praticavam o chamado Association Football que pressupõe a formação de dois times e a existência de um conjunto de regras. Em vez disso, promoviam um bate-bola na parede. “Isso fazia parte de uma estratégia gradual de apresentação do esporte aos alunos”.

Pouco tempo depois, o futebol começa a tomar a forma que conhecemos até hoje, com algumas alterações. Os padres introduziram duas pequenas marcas em paredes opostas do pátio e dividiram a turma em dois times, camisas verdes de um lado e camisas vermelhas de outro. O jogo passou a ter um objetivo concreto, isto é, levar a bola até a parede do time adversário e “lavrando um tento fazendo bater no espaço delimitado pelas marcas”. As equipes formadas por onze jogadores e as traves vieram na seqüência, coincidindo com o período em que a modalidade tornou-se mais organizada e freqüente. Ao deixarem o Colégio São Luís, já formados, os estudantes levaram o futebol para outras cidades e estados. Aos poucos, o esporte foi se difundindo, chegando a penetrar, inclusive, nas fábricas.

Segundo SANTOS NETO (2000), o filho de imigrantes ingleses, Charles Muller teve grande importância no aspecto inovador do jogo. Através dele, o esporte adentrou os clubes freqüentados pela elite paulistana, que mais tarde formariam uma liga, espécie de embrião do que é hoje a Federação Paulista de Futebol. Apesar da posição segregacionista dos “futebolistas aristocráticos” que não admitem a participação dos times populares nos torneios, a modalidade ganhou força dentro dessas organizações. Entretanto, se a tese de PEREIRA (2000) é mais discutida e aceita, observa-se que a de SANTOS NETO (2000) é mais completa e possui um forte sentido.

Lentamente, o futebol foi ganhando adeptos não apenas entre os burgueses, mas também entre as camadas pobres da população, principalmente entre os operários. Como era de fácil assimilação e improvisado, o esporte se transformou em divertimento preferido dos meninos descalços dos bairros operários de São Paulo.

2. O futebol de fábrica

PEREIRA (2000) em seu estudo sobre o futebol no Brasil, também analisa a introdução do esporte em fábricas no Rio de Janeiro nas primeiras décadas da república. Segundo o autor, as fontes pesquisadas afirmam que a introdução do esporte nos círculos operários ocorreu com o apoio dos próprios patrões como um caráter de um elemento alienante, que perpetuaria a dominação ao desviar sua atenção dos assuntos realmente importantes supostamente atestando com isso a falta de consciência social dos trabalhadores entregues à sua prática.

O jornal *A Plebe* de São Paulo, de cunho anarquista, de 28 de janeiro de 1933, dizia:

“Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila ou aglomerado de casas de operários que não tenha o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos. Nos campos de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutalizam-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões”. (*A Plebe*, 28 de janeiro de 1933).

Já o jornal *O Trabalhador Gráfico*, de 25 de maio de 1928, afirmava:

“A necessidade do esporte para a juventude é um fato incontestável. A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes. Que fazem os jovens nos clubes burgueses? Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da

fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. Todo operário *footballer* deve ingressar nos clubes proletários. No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais”. (*O Trabalhador Gráfico*, de 25 de maio de 1928).

Mas será que se deve generalizar esta questão? Será que em nenhuma fábrica o futebol foi usado pelo operário para inserção de idéias anarquistas ou comunistas? Embora o esporte fosse nesta época visto como um ato de alienação, os clubes de fábrica representavam a empresa. E nos clubes estava presente um importante fator de identidade. Formadas em seus locais de trabalho, essas associações assumiram para os trabalhadores a feição de uma importante instância de construção de solidariedade. Identificando-se como sócios, empregados de um mesmo local formavam laços que os ajudavam a solidificar ainda mais as experiências compartilhadas em sua vida cotidiana. Os jogos reuniam um número significativo de pessoas, sejam trabalhadores ou não. Na medida em que as afinidades entre os operários vão se solidificando acerca dos clubes, PEREIRA (2000) relata:

“(…) a força do futebol como elemento aglutinador da classe operária faria com que grande parte dos militantes que o criticavam passassem a ter com o jogo uma relação muito diferente. Com seus times e clubes, os trabalhadores davam forma a um tipo de associação de classe que, muito mais do que os sindicatos, conseguiam reuni-los e empolgá-los - o que levava as próprias organizações sindicais a fazer do jogo uma presença constante em suas atividades, como forma de atrair público”. (PEREIRA, 2000:274).

Assim, talvez não seja possível concordar plenamente com a idéia de que o futebol é alienante. Afinal, a alienação era entendida nas primeiras décadas da república como algo capaz de contribuir para a falta de consciência de classe. E ao analisar as associações esportivas deve-se adotar um determinado cuidado. Embora

o jogo servisse para alguns, apenas como divertimento, não impedia o operário de distinguir sua relação com o patrão. Quem sabe, o jogo não era o momento adequado para que percebessem as diferenças? Esses homens vivem a experiência de classe ora na produção, ora no esporte. THOMPSON (1987:12) afirma que “(...) consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais; encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais”. Assim, de acordo com a teoria Thompsoniana, “(...) A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição”. Portanto, é também no futebol que o operário pode se ver enquanto classe. Com isso, as reuniões sindicais poderiam até serem burladas pelos jogos, missas, etc., como acontecia com freqüência em Nova Lima. Mas não implica uma falta de consciência dos trabalhadores.

Na década de 1920, grande parte das indústrias tinha um time de futebol criado pelos próprios trabalhadores. Fundou-se uma tradição operária de futebol amador praticado em clubes de fábrica.

Tomemos como exemplo duas situações que merecem destaque. A primeira, como escreveu COUTO (2003), serviu de exemplo para a formação dos “times de fábrica”, a análise do processo de fundação do *Bangu Athletic Club*, tornou-se um modelo clássico na historiografia futebolística brasileira.

“Os técnicos e os mestres ingleses da Cia. Progresso Industrial, conhecida como fábrica Bangu do Rio de Janeiro, fundaram em 1904, o *The Bangu Athletic Club*, com o objetivo de se divertirem nos horários de folga. Todo material esportivo e o campo de jogo eram cedidos pela empresa, entretanto faltavam jogadores. A solução encontrada foi simples: completar os times com os operários da tecelagem”. (COUTO, 2003:31).

Mas a situação não era tão simples assim, pois, ao necessitar de jogadores, muitos operários-jogadores se recusavam a sair das fábricas onde trabalhavam no Rio de Janeiro, após o expediente, para irem jogar no Bangu que era um bairro afastado do centro. Com isso, pressupõe-se que era necessário treinar os operários da fábrica Bangu para obter um time completo.

A vila operária em que o Bangu estava inserido, aos poucos foi adotando o futebol como a principal forma de lazer. O Bangu projetou-se para a divisão principal do futebol carioca disputando torneios com o Botafogo, Fluminense e outros clubes. O modelo de “clube de fábrica” foi seguido por muitos outros, inclusive no mesmo período de sua criação⁶.

Enquanto muitos operários viam o futebol como forma de lazer e esporte, os donos de fábrica tinham outra pretensão, fazer propaganda e buscar integração na empresa. Como era grande a competição entre as equipes, os industriais passaram a valorizar mais o bom jogador. Com isso, como dirá COUTO, “era melhor contratar um bom jogador a contratar um bom operário”. Tal prática levaria a desigualdades sociais dentro do próprio ambiente de trabalho.

A segunda situação que se quer destacar é a história do Villa Nova Atlético Clube que nunca foi mencionada. Os ingleses eram grandes admiradores do futebol e estavam na administração da empresa *Saint John d'El Rey Mining Company*⁷, desde 1834 em Nova Lima. Já no início dos primeiros anos da década de 1910⁸ a diretoria da empresa, resolve criar um time futebolístico para se divertir. O time ficou conhecido como *Morro Velho Atlético Club*. Segundo MORRO VELHO, História, fatos e feitos (1995), a Companhia construiu um clube para a prática de esportes,

⁶ COUTO, op. cit.

⁷ Os ingleses vieram para Nova Lima em 1834, para explorarem o ouro da região. Fundando-se a *Saint John d'El Rey Mining Company*.

⁸ Não há registros que atestem a data correta da criação do clube *Morro Velho Atlético Club*.

destinado à comunidade inglesa e apoiou o novo time de futebol Villa Nova Atlético Clube, fundado em 1908 pelos ingleses e operários da empresa. A idéia de se criar um novo clube segundo o jornal *O Esport* de outubro de 1936, surgiu em uma palestra íntima na popular Casa Aristides entre os senhores Álvaro Edwards Ribeiro, G. P. Fellows, Álvaro Magalhães e Cel. Adolpo Magalhães. Decidiram que deveriam organizar, entre os novalimenses, um novo clube de futebol, uma vez que, acreditavam, que sozinha a equipe do *Morro Velho A. C.* não poderia atender os inúmeros aficionados existentes na então denominada Villa Nova de Lima. Consultados outros cidadãos proeminentes do lugar ficou deliberado que a sessão inicial seria efetuada no salão de honra da Câmara Municipal, sob a presidência de Álvaro Edwards Ribeiro, o que foi feito no dia 28 de junho de 1908. Elegeu-se a primeira diretoria, que se constituiu da seguinte forma:

Presidente, Adolpho de Magalhães, secretário e tesoureiro, José Furtado Leite, Capitão Geral, G. F. Fellow⁹. Participaram também da reunião de fundação, dentre outros: Fernando Anacleto, Hary Lowse, Ignês Gent, Ricardo Protzner, Albert Clemence, Elogio Pimentel, João Luiz Morethsonhn, George Morgan, Francisco Pimentel, José Gustavo Dias, Jonh Clemence, Willy William, Francisco Goulart, Eduardo Morgan, Mário Morgan, João Moreira, Fritz Protzner, Raymundo Rodrigues, Antônio Oliveira, Agostinho Rodrigues de Mello e Gute Mello. A equipe inglesa da qual se originou o Villa Nova Atlético Clube aparece na foto a seguir datada de 1908:

⁹ Cargo hoje equivalente ao de diretor de futebol.



(Equipe fundadora do Villa Nova Atlético Clube. Acervo privado: Jesus Drumond Batista)

Entre os nomes dos fundadores do time, tem-se: um Willy William ao lado de Francisco, Fritz Protzner ao lado de José Maria. Ou seja, nomes comuns brasileiros em parceria com nomes ingleses, o que denota a heterogeneidade do grupo.

Decidiu-se que o novo clube teria o nome de *Villa Nova Atlético Club*, já que a cidade de Nova Lima chamava-se “Villa Nova de Lima”, e que o uniforme fosse semelhante ao do *Atlético Club de Bilbao*, da Espanha, também fundado por ingleses, com listas verticais em vermelho e branco. O Villa crescia e por volta de 1927, é registrado na Liga Metropolitana de Belo Horizonte. O Villa Nova segundo os entrevistados, era um time que dificilmente perdia campeonatos. Possuía torcida atuante e mesclada de homens, mulheres e crianças.

Há pequenas controvérsias em relação a fundação do clube. Segundo um dos entrevistados, Jairo Gomes,¹⁰ o Villa nasceu depois de um encontro na casa Aristides, mas somente entre o inglês George Fellows que trabalhava na mineração Morro Velho e o brasileiro Álvaro Magalhães que apreciava o futebol, e não perdia um treino da equipe inglesa. Por isso, desse encontro entre George e Álvaro, surgiu a idéia de fundar um clube para ensinar os brasileiros a jogar futebol e também para jogar contra a equipe inglesa da *Morro Velho*. Pode-se assim observar que as informações sobre a fundação do clube se assemelham, porém nenhuma delas até o momento, menciona outras pretensões a não ser difundir o esporte entre os operários com o objetivo de lhes proporcionar lazer.

Visualizar o futebol como parte de uma cultura operária, permite-nos observar que as práticas associativas são a forma de implementar um comportamento operário que abarca o trabalhador dentro e fora de seu local de trabalho, e que opera o sentimento de pertencimento que deve marcar este ator coletivo. Ao longo desta pesquisa, pode-se então observar, através da mina de Morro Velho, que dentro das fábricas inglesas existiam a disciplina e a organização, componentes indispensáveis para a formação de clubes esportivos.

3. Lazer e cultura operária

Nas primeiras décadas da república, muitos meios operários como vilas e fábricas, eram vistos por instituições e grupos dirigentes como extremamente perniciosos para a “moral e disciplina do trabalho”, focos de agitação e revolta social. Para AUXILIADORA DECCA (1987), hábitos operários no escasso tempo de lazer

¹⁰ Jairo Gomes - secretário do Villa Nova e colecionador de vários materiais a respeito do clube. O material de que essas fontes foram extraídas, foi coletado para a redação de um artigo (ainda não publicado) sobre a história do mesmo.

eram considerados vícios, e a recreação do operariado era considerada “improdutiva”. Segundo a autora:

“A necessidade de um “lazer mais saudável e produtivo” para o operariado no sentido de torná-lo mais “disciplinado e ordeiro”, esboçam-se iniciativas, até certo ponto freqüentes, de disciplinar seu lazer”. Essas iniciativas se traduzem no patrocínio do futebol de várzea e do esporte, nas realizações que a Igreja, com o respaldo de associações femininas e de “benemerência”, tentava realizar nos “meios proletários” de maneira mais organizada, e em algumas iniciativas-modelo que os serviços públicos iniciam na cidade para a recreação das “crianças pobres e operárias”.(DECCA, 1987:89).

Como se pode ver, o lazer dos operários está ligado ao esporte e religião, levando-os a uma ação preventiva quanto aos hábitos e à moral, sendo que divertimentos sãos e educativos proporcionavam uma ordenação social. Vai-se construindo, então, uma identidade acerca desse lazer. A Igreja tem sua contribuição para se organizar essa disciplina, por atuar nos meios operários através de doutrinação, realizações sociais, promovendo obras de caridade dirigidas através das várias associações e grupos religiosos de diferentes setores. Exemplo dessa disciplina e influência religiosa é demonstrada na foto a seguir tirada em Nova Lima em 1930. Trabalhadores da Morro Velho, em ritual religioso, carregam a imagem da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Pilar, pelas galerias profundas e obscuras da mina. À direita da foto, olhando para frente, encontra-se um operário jogador do Villa Nova conhecido como Tião Picolé.



(Acervo privado: Ítalo Ragonezzi)

3.1 A cidade de Nova Lima

De onde surge Nova Lima? A cidade tem sua história marcada pela mina de Morro Velho, empresa que empregou número significativo da população novalimense. Segundo um dos entrevistados, Jesus Drumond Batista,¹¹ a região pertencia a Sabará. Possivelmente, na época a última Vila de Sabará, de formação habitacional, foi Nova Lima. Em consequência disso ficou como Villa Nova. Raposos, Rio Acima, todas pertenciam a Sabará. Villa Nova de Lima era dividida em duas partes, a alta e baixa:

“ A parte baixa da cidade era local onde existiam as brigas, facadas e polícia, era a parte onde estavam os solteiros, os boêmios, a zona (onde hoje é o SENAI). A parte baixa era onde se situava o comércio. Lá estava a casa

¹¹ Entrevista realizada pela pesquisadora em 15 de dezembro de 2004. Depoente Jesus Drumond Batista mais conhecido por Jesus Capeta, segundo ele o apelido que lhe foi atribuído é devido ao grande boêmio e crítico que era em sua juventude.

Aristides (esta era como um supermercado que vendia: louças, ferragens, produtos vindos da Inglaterra, Bélgica, França, etc.). Um comércio que fazia as anotações na chamada caderneta de comprar fiado. A companhia tinha um controle absoluto de todos os pontos diariamente de todos os seus funcionários, pois estes tinham crédito limitado, controlados pelo salário. Ex.: Chegavam lá tinham que comprar uma importância assim de uma semana de serviço, R\$25,00, ganhava três contos por dia, vamos dizer R\$25,00, mas só tinha R\$20,00, por segurança. Porque igual a eles outros tantos chegavam aqui, que ficavam aí, um mês, dois meses, cinco dias, às vezes nem voltavam mais no mesmo dia, (...), sumiam e nem queriam saber de dar satisfação nenhuma. Então, havia um controle absoluto. Mas, os empregados tinham um lugar para comprar. O que não ocorria em outra instância. Nessa época a Morro Velho com 10.000 empregados e Nova Lima não tinha mais de 15.000 habitantes". (Jesus Drumond Batista/comunicação pessoal)¹².

Em Nova Lima, a primeira vila operária só foi criada depois de 1930 na parte baixa da cidade. Antes de 1930 não havia vila operária, mas havia núcleos operários. Segundo GROSSI (1981:69), entre 1930 até meados de 1950, com exceção do centro de Nova Lima e do bairro das Quintas, habitado por ingleses, diretores e funcionários categorizados, o restante da cidade compunha-se de operários da Morro Velho. Havia casas da companhia alugadas a preço simbólico, cedidas somente para os casados. Funcionavam como um meio de fixar o trabalhador, impedindo-o de retornar ao campo ou demandar outras cidades, onde os salários fossem mais compensadores e os riscos de trabalho menores.

Na divisão espacial da cidade entre estrangeiros e trabalhadores percebe-se uma hierarquia de exclusão entre o capital e o trabalho, o que não difere de outras partes do mundo durante a predominância do capital inglês. A exclusão dos brasileiros pelos ingleses era compensada não só pelo lazer oferecido através do futebol, como festividades e quermesses. A título de exemplo, cita-se a festa de São João, patrono da empresa por ter iniciado suas atividades na cidade de São João d'El Rei. Eram três dias de festas com barraquinhas, jogos e brincadeira. A venda de

¹² *Ibidem*.

quitandas das barraquinhas, durante as festas, era garantida pela empresa através do sistema de *fiado*.

Pode-se, com isso, perceber que a vida social dos operários estava de certo modo ligada às atividades comemorativas oferecidas pela companhia, o que nos remete à reflexão sobre formas de controle. Segundo AUXILIADORA DECCA (1987:89), ao longo da década de 20 e início da de 30, iniciativas desse tipo, com intenção de controle e “domesticação” às vezes explícita, ocorriam em relação ao lazer e à educação do operariado industrial e urbano. Mas lembrando CASTRO (1997), isso não significa que os agentes não eram donos de sua própria ação, fazendo escolhas, tomando suas decisões.

3.2 O lazer dos operários

Em Nova Lima, uma das práticas de lazer mais comuns no cotidiano dos mineiros é o futebol que, de acordo com GROSSI, é uma forma de celebrar a vida, pois é no momento de jogo que o operário se diverte, se interage, brinca e se sente livre das determinações da empresa, embora continuem tendo regras através de seu estatuto para cumprir. Afinal, o trabalho na mina era realmente uma “*extração do homem*”. Com isso a autora escreve:

“O futebol era uma das diversões mais divulgadas. Havia o clube dos trabalhadores da Morro Velho, O Morro Velho Esporte Clube, cujos diretores eram protegidos pela companhia, e mais freqüentado pelos elementos pró-companhia. Havia ainda o Nacional Esporte Clube, o Olaria Esporte clube, o Resplendor Esporte Clube, etc. E em destaque, o conhecido Villa Nova Esporte Clube, que foi e ainda é um clube futebolístico profissional. A companhia o ajudava com doações e cobria os salários dos mineiros que

pertenciam ao clube, quando o Villa Nova viajava para disputas estaduais e nacionais”. (GROSSI, 1981: p79 e 80).

Neste trabalho não serão analisados os demais clubes de Nova Lima, com exceção do clube Retiro que será pouco mencionado, embora não citado por GROSSI. Não se trata aqui de uma escolha e sim da inexistência de fontes. Ressalta-se que esses clubes, com exceção do Retiro, não chegaram ao profissionalismo, nem mesmo disputaram grandes campeonatos.

Através da citação de GROSSI observa-se então, que a empresa tem um forte domínio sobre os clubes, uma vez que financia os salários de seus jogadores quando se ausentam para jogar em outros Estados. Pode-se assim, deduzir determinada regalia entre os operários jogadores. Regalias estas, que permite dizer que os jogadores possuíam atividades mais moderadas dentro da empresa. Embora segundo os entrevistados não houvesse distinção salarial, tão pouco revolta entre os demais operários que obrigatoriamente eram filiados aos clubes e pagavam mensalidades. Será que todos os operários concordavam com essa situação? Nova Lima a partir da década de 1920 já se via em palco comunista¹³, será que todos apoiavam o futebol? Os que apoiavam talvez tivessem as mesmas razões que os anarquistas no Rio de Janeiro quando passaram apoiar o esporte. Intenções de expandir suas idéias e buscar adeptos. E os que de maneira nenhuma apoiava o esporte, como agiam? Talvez o correto fosse dizer que para o patrão, proporcionar lazer ao seu operário implica em organização, ânimo e produção, pois o futebol, por ser um esporte saudável e desejável por muitos, faz com que trabalhem mais satisfeitos. Afinal, segundo PEREIRA (2000:258), “ao lembrar as palavras

¹³ Conferir Yonne Grossi, op.cit.

atribuídas ao intendente Leite Ribeiro por ocasião do carnaval – enquanto o povo se diverte não conspira”. Mas será que essa fala se aplica a Nova Lima?

O capítulo referiu-se a pressupostos capazes de ancorar a compreensão do futebol no seio operário. Vale lembrar que a *Saint John d'El Rey Mining Company* instalou-se em Villa Nova de Lima no século XIX para explorar sua riqueza em ouro. Utiliza-se da mão-de-obra escrava mas, com a abolição e implantação da república, resiste às condições de trato ao assalariado. Preferiu contratar um número significativo de operários estrangeiros para ocupar cargos de chefia, ao invés de designar brasileiros. Talvez, quem sabe, para sufocar, em parte, revoltas frente às condições insalubres de trabalho e precárias de vida, os ingleses, ao trazerem para a pequena cidade de Nova Lima o futebol, permitem sua difusão entre os operários brasileiros.

As fontes pesquisadas autorizam dizer que o futebol ganha forma e adeptos a ponto de se tornar a principal prática de lazer da classe trabalhadora. Nesse sentido, indaga-se em que medida esse esporte contribuiu para emergência de uma identidade coletiva como elemento de formação do operariado novalimense. Também levanta-se a possibilidade de um viés político na prática esportiva dada a forte presença, entre os operários da Morro Velho, de uma instituição sindical atuante e reivindicatória.

CAPÍTULO II

OPERÁRIOS DA MORRO VELHO E FUTEBOL: “O ORGULHO DE NOVA LIMA”

A proposta em evidência é estabelecer relações necessárias e suficientes entre a empresa inglesa e trabalhadores para apreender momentos expressivos na formação identitária dos operários. Essa articulação terá o futebol como variável interveniente no processo que, como cultura operária, poderia estar presente nas associações de classe. A discussão proposta prende-se a uma procura dos possíveis sentidos do futebol para os representantes do capital estrangeiro e sua contrapartida, o trabalho.

1. Capital/trabalho no registro da memória

O conceito de memória e, sobretudo, o funcionamento da memória ganhou importantes aportes das ciências físicas e biológicas. Ao lado delas, as ciências sociais e a psicologia também têm a memória individual e coletiva como um dos seus campos de investigação. Os estudos envolvem necessariamente os conceitos de retenção, esquecimento, seleção. Como elaboração desencadeada por estímulos, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado. Nas ciências sociais encontram-se estudos que relacionam a memória individual ao meio social, fundamentais para trabalhos em que se articulam os relatos individuais e coletivos à memória local.

Estudos empreendidos por HALBWACHS (1990) contribuíram para a compreensão de quadros sociais que compõem a memória. Para ele, a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. As lembranças se alimentam das

diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina “comunidade afetiva”. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

Essa memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico do real, mas, sobretudo no campo simbólico.

Vale lembrar que a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. Assim, encontram-se na memória do trabalhador da mina de Morro Velho e de seus familiares, as lembranças. O Villa Nova, por exemplo, segundo os torcedores mais antigos da cidade, “permanecerá para sempre na memória dos novalimenses”. Os treinos, as partidas aos domingos, os campeonatos, a escolha da rainha do time, a charanga, os funcionários que cuidavam do campo, da alimentação dos jogadores, dos uniformes, o prestígio adquirido na empresa para aquele que era jogador, etc. Entretanto, segundo alguns relatos, havia operários que não admiravam o esporte e criavam resistência ou simplesmente ignoravam o fato de serem obrigados a se filiarem ao clube. Afinal, como mencionado anteriormente, a partir dos anos 1920, em Nova Lima os comunistas agitavam a cidade, e alguns deles nem podiam ouvir falar em futebol por acreditarem que esse por sua vez, alienava o operário e contribuía para que a empresa sobressaísse não apenas em Minas Gerais, como em outras áreas do Brasil, mascarando a luta de classes.

Com isso, é importante observar que acerca da memória também está a sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação; ao contrário, povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importantes referências para os indivíduos, donde se segue que mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças na vida e na memória dos grupos. Memórias individual e coletiva alimentam-se e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como esta, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

Segundo HABWACHS (1990):

“Os trabalhos de um operário (...) não são objetos que ocupam um lugar definido e estável no espaço. (...) é um lugar definido que os serviços são prestados e os trabalhos executados: o trabalho ou o serviço somente têm valor, para o patrão que o compra, com a condição de ser utilizado em tal lugar, em tal escritório, em tal fábrica. Quando um conselheiro ou um secretário de sindicato passa diante de uma fábrica ou representa o lugar que ela ocupa, esta imagem é apenas parte de um quadro local mais amplo, que compreende todas as fábricas das quais os operários ou patrões estão sujeitos a se dirigirem a ele e que lhes permite retornar a lembrança dos contratos de salários, de suas modalidades, dos conflitos aos quais deram lugar, e também de todas as leis, regras e costumes locais ou profissionais que definem a situação e os direitos recíprocos de empregados e empregadores”. (HALBWACHS, 1990:141).

Vê-se que a memória registra sentidos possíveis e significados que conduzem interpretações e análises sobre a experiência vivida. O autor trata ainda de lugares sagrados, o que permite uma inferência: os entrevistados em Nova Lima consideram o estádio Castor Cifuentes como lugar quase mítico devido às vitórias que os

operários jogadores da Morro Velho conquistaram. Outro lugar sagrado é a empresa, pois, apesar de condições sub-humanas de trabalho nas primeiras décadas da república, gerou emprego e renda na cidade. Tais lugares tornam-se responsáveis pela construção da história individual e coletiva na antiga Villa Nova de Lima.

Face ao exposto, pode-se pensar em identidades que se constroem em Nova Lima quando os ingleses vieram para assumir a mina de Morro Velho, em 1834, fundando a *Saint John d'El Rey Mining Company*. Iniciam processos interativos com os habitantes da cidade tendo em vista prestação de serviços. Os ingleses com sua conduta enérgica, controladora e disciplinar e os novalimenses, em sua maioria, subalternos operários da empresa, mostram-se duas identidades diferentes. Dependentes de suas posições nacionais separadas, a dos ingleses e brasileiros novalimenses, que são vistos como dois povos claramente indetectáveis. Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.

É de natureza inglesa a relação de dominação. Na Morro Velho essa situação era vista analogamente entre os próprios ingleses que ocupavam cargos inferiores ao de superintendente. Há que se ressaltar duas matrizes inseparáveis: controle e disciplina. Haja vista esta lapidar fala de um de seus mais importantes diretores, Geoge Chalmers:

“Tem chegado até mim que os trabalhadores ingleses dessa empresa estão desconsiderando a Regra que eles devem obter perante o Superintendente. Devem sempre pedir permissão antes de saírem do estabelecimento. Para algum futuro trabalhador inglês ir para alguma mina, cidade ou lugar além dos limites de Regos não será dispensado até que ele obtenha permissão do Superintendente”. Morro Velho, 1º de março de 1899. (Centro de Documentação da Morro Velho – Casa Grande, Nova Lima)¹⁴.

¹⁴ “It has come to my notice that English Employèes of this company are disregarding the Rule that they must obtain the superintendent’s permission before leaving the Establishment. For the future any English Employèe going to any Mine, Town, or Place beyond the limits of the Regos will bedismissed

Estas e outras posições verticalizadas da direção da empresa¹⁵terão efeito marcante na evolução da comunidade inglesa presente em Nova Lima. Aliás, sem minimizar a influência dos ingleses em Nova Lima, sua postura histórica mais se assemelhava a de um *gueto*, alheio à realidade local.

Segundo D'ALBUQUERQUE (1940) em um relato operário encaminhado ao Ministério do Trabalho dizia:

“Os britânicos, entre nós, fazem questão de ter não só vida faustosa como separada dos brasileiros. Fundam clubes, evitam falar português, só assinam e lêem jornais ingleses e não admitem que um brasileiro ganhe o mesmo do que eles, embora desempenhando o mesmo cargo. Em nenhuma das grandes firmas britânicas existentes no Brasil, encontraremos um inglês ocupando um posto subalterno. Trabalham pouco e ganham muito, dominando os brasileiros relegados para os postos secundários e miseravelmente pagos”. (D'ALBUQUERQUE, 1940:27)¹⁶.

Essa desigualdade assinalada pelo relatório, cujo original é da década de 1930, de acordo com a pesquisa é uma constante na dinâmica da empresa tanto do ponto de vista econômico quanto profissional. Portanto, observa-se que as duas últimas citações se referem a tempo histórico diferente. Entretanto, traduzem o mesmo discurso verticalizado e hierarquizado. Há que se ressaltar uma verticalidade sócio-administrativa dos ingleses, quando em 1908 foi introduzido em Nova Lima o futebol que partindo do interesse inglês, funda-se um clube em parceria com os operários brasileiros. Uma atitude que presenciará um intercâmbio amistoso entre brasileiros e estrangeiros pelo menos até os anos 30. Isso porque esses anos denotam na história da Mina de Morro Velho conjunturas críticas envolvendo as

ungless he has obtained permission from the Superintendent”. Morro Velho 1 st March 1899. (Centro de Documentação da Morro Velho – Casa Grande, Nova Lima).

¹⁵ Ver GROSSI, Yonne de Souza. *Mina de Morro Velho: a extração do homem*, uma história de experiência operária: São Paulo: Paz e Terra, 1981.

¹⁶ Extraído do livro D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Escândalo na Morro Velho*. Rio de Janeiro: gráfica Labor, 1940. Nesta obra encontra-se vários depoimentos de operários encaminhados ao então Ministro do Trabalho – governo Vargas, onde solicitam que as leis trabalhistas também sejam aplicadas aos trabalhadores de Nova Lima.

relações capital/trabalho¹⁷. Talvez a exígua presença inglesa participando das atividades esportivas, tanto como jogadores e/ou assistentes se deva às transformações operadas nesse sentido nas relações capital/trabalho. A partir de 1908, o cotidiano operário incorporará uma nova dimensão do lazer, consubstanciando não só uma cultura popular como novas formas identitárias.

2. O clube esportivo de Nova Lima

O Villa Nova Atlético Clube, o "*leão do Bonfim*"¹⁸ foi fundado em 28 de junho de 1908 em Nova Lima por operários e ingleses. É o primeiro time de Minas Gerais a ceder jogadores para a seleção brasileira. É o segundo clube mais antigo do Estado em atividade, sendo superado apenas pelo Clube Atlético Mineiro que foi criado em 25 de março de 1908, diferença apenas de três meses. O Villa Nova possui duplo domicílio, conforme consta em seus estatutos, com sede em Nova Lima e em Belo Horizonte.

De acordo com os estatutos, o Villa é uma sociedade civil, com personalidade jurídica distinta da de seus associados, os quais não respondem pelas obrigações por ele contraídas. O clube, cujo tempo de duração é indeterminado, possui finalidades de praticar e desenvolver em todos os níveis a educação física e a organização de reuniões e torneios de caráter esportivo, social e cívico.

¹⁷ Conferir Yonne Grossi, op.cit.

¹⁸ O símbolo do Villa Nova é o leão, expressão da realeza inglesa. "Leão do Bonfim" foi um termo criado para o Villa desde 1933, pelo povo. Esta expressão se referia à luta que o clube empenhava em seus compromissos. Na copa do mundo de 1966 a Inglaterra adotou o leão como símbolo (mascote do time). A idéia de representar a Inglaterra pelo leão surgiu quando a delegação inglesa ficou hospedada em Nova Lima, onde existia grande colônia britânica. Um observador chamado Mangabeira lembrou do leão existente no brasão inglês e desenhou o símbolo. (Informações extraídas do ESTADO DE MINAS, 21/12/1966. Pite Paiva. "Charge do Leão").

Segundo o estatuto¹⁹, o clube filiava cidadãos sociáveis de ambos os sexos e de qualquer nacionalidade, que o solicitassem por escrito ou fossem apresentados por outro sócio, em pleno gozo de seus direitos sociais. Eram aceitos aqueles que, por suas qualidades morais, só pudessem honrar o nome do clube e se submetessem aos deveres que lhes fossem atribuídos. Os sócios deveriam ser das seguintes categorias: fundadores, contribuintes, remidos, honorários, beneméritos, correspondentes.

Somente seriam considerados fundadores os que tomassem parte na assembléia de fundação do clube e assinassem a respectiva ata. Os contribuintes seriam aqueles que pagassem ao clube as mensalidades estipuladas para esta categoria. Os sócios contribuintes poderiam ser de três classes: efetivos, para os maiores de dezoito anos, juvenis, os maiores de quinze e menores de dezoito e infantis, entre dez e quinze anos de idade.

Os sócios remidos seriam aqueles que, de uma só vez ou no prazo de vinte e quatro meses, contribuíssem para os cofres do clube. Os beneméritos seriam os sócios que, por relevantes serviços prestados e enumerados pela diretoria, fossem por ela proclamados. Estes por sua vez, ficariam isentos do pagamento de contribuições pecuniárias permanentes da classe a que pertenciam.

Os sócios honorários, embora não fizessem parte do corpo social do clube, seriam julgados pela diretoria merecedores dessa homenagem especial, como prova de deferência ou gratidão por relevantes serviços prestados ao clube, ou no esporte Nacional, ou por sua posição social de destaque. Esses sócios ficariam isentos do

¹⁹ O Estatuto aqui referido data-se de janeiro de 1922, embora a assinatura final seja de 09 de janeiro de 1951. Acervo: Federação Mineira de Futebol. Segundo Jairo Gomes o estatuto do Villa foi registrado em 1952 na iminência de perder o título conquistado em 1951 contra o Atlético. O Atlético estava reivindicando o título devido a irregularidade de documentação do Villa.

pagamento de qualquer contribuição, gozando de todos os direitos sociais, não podendo, entretanto, votar ou serem votados e nem ocupar cargos na diretoria.

Para ser considerado sócio correspondente, era necessária uma avaliação das qualidades pessoais. Para isso, ele deveria ser considerado capaz de representar o clube na cidade onde residia e de informá-lo daquilo que fosse de seu interesse, além de defendê-lo.

Ao que concerne à admissão dos sócios, esta se fazia por meio de propostas, em impressos fornecidos pela secretaria, devendo conter: nome, naturalidade, estado civil, idade, profissão, esporte praticado ou que praticou, residência e assinaturas do proposto e do proponente. A aceitação ou rejeição da proposta ficaria a critério exclusivo da diretoria, que, por escrito, comunicaria, dentro do prazo de quinze dias, ao proposto, sua resolução. A readmissão dos sócios dar-se-ia nas mesmas condições da admissão, sendo que, aqueles que estivessem em débito com o clube deveriam saldá-lo primeiramente. Seria impossível a readmissão dos sócios cujos motivos de afastamento seriam relevantes.²⁰

Os sócios tinham direito de freqüentar todas as dependências do clube, tomar parte em todas as reuniões e festas que nelas se realizassem. Podiam utilizar o material esportivo do clube, mediante autorização do Diretor competente ou do Presidente; tomar parte nas Assembléias Gerais, discutir, votar e serem votados; propor novos sócios, praticar todos os exercícios físicos e desportivos do clube, nos lugares e horas determinados; promover e organizar festas, reuniões e demais diversões na sede social, mediante autorização prévia do Presidente; requerer, por

²⁰ Motivos para eliminação: condenação judicial por crime que implique em desabono da conduta do sócio e o torne inidôneo para continuar a figurar no quadro social. Procedimento desonesto dentro das dependências sociais. Desmoralizar do clube ou prejudicá-lo em seus interesses. Agressão e desacato aos membros dos diversos poderes do clube, dentro das dependências sociais e quando em exercício de suas funções. Fomentar a ruína social do clube pela discórdia interna ou pelo desprestígio público de suas autoridades e representantes. O sócio acusado teria o prazo de 10 dias para recorrer.

meio de ofício, com assinatura de no mínimo cinquenta sócios em pleno gozo de seus direitos sociais, a convocação extraordinária do Conselho Deliberativo; receber gratuitamente assistência médica e farmacêutica quando acidentados em provas oficiais ou treinos promovidos pelo clube e para os quais sejam convocados pela Diretoria; recorrer ao Presidente do clube, contra qualquer deliberação, inclusive dos demais diretores; requerer licença nos casos de moléstia ou ausência temporária, com isenção do pagamento das contribuições.

Quanto aos deveres dos sócios, a princípio seriam cumprir as exigências presentes no estatuto, regulamentos e decisões de todos os poderes do clube; contribuir sempre para que o clube realizasse sua finalidade de promover o desenvolvimento físico, moral e cívico entre os seus associados; propugnar pelos interesses nacionais e respeitar, prestigiar e acatar as autoridades constituídas no Brasil; satisfazer pontualmente o pagamento das contribuições a que estivessem sujeitos; zelar pela guarda e conservação do patrimônio social, portarem-se com correção toda vez que estivesse em causa sua condição de sócio e acharem-se dentro das dependências sociais; acatar, respeitar e prestigiar os membros dos diversos poderes do clube, quando em exercício de suas atribuições; auxiliar os diretores no que estivesse ao seu alcance, aceitar os encargos que lhes fossem designados e apresentar ao Presidente do clube as sugestões que fossem de interesse para o mesmo. Deveriam acatar os representantes das entidades a que o clube estivesse filiado, respeitando a sua autoridade; respeitar e acatar os direitos dos demais associados; apresentar-se decentemente trajados sempre que freqüentassem as dependências sociais; possuir obrigatoriamente a carteira social e apresentá-la sempre que necessário.

Referente à receita do clube, era constituída de cotas de contribuições, donativos de qualquer natureza, rendas de festas, jogos ou torneios esportivos, aluguel dos bens do clube, renda obtida pela venda de material esportivo ou de outra natureza, juros de capital ou de títulos e renda eventual.

Faziam parte dos poderes do clube: a Assembléia Geral, o Conselho Deliberativo, a Diretoria e a Comissão Fiscal. Para exercer cargos, era necessário ser brasileiro nato ou naturalizado. Em caso de necessitar de assistentes e auxiliares que contribuíssem para o bom funcionamento do departamento, eles, seriam escolhidos pelo diretor respectivo, mediante aprovação do Presidente. O sócio deveria ser residente ou exercer atividade em Nova Lima, possuir idade mínima de trinta anos. Ao que concerne à Presidência tanto do clube quanto do Poder Deliberativo, só poderia ser exercida por brasileiros natos e maiores de trinta anos.

A questão dos cargos na Presidência e em seus órgãos deliberativos delegados apenas a brasileiros natos, levanta problemas que a pesquisa não consegue resolver por ausência de fontes fidedignas. Por que os ingleses não têm acesso a esses cargos? Teriam sido feitas negociações entre ingleses e operários brasileiros? Como explicar que os ingleses, ao fundar um clube de futebol com operários brasileiros, abrissem mão de importantes cargos diretivos?

O exercício dos cargos era gratuito, não sendo permitida acumulação dos mesmos dentro da cidade, nem que membro da presidência ou do Conselho Deliberativo exercesse função administrativa em sociedade congênere.

A administração do clube estaria sujeita à diretoria composta de um Presidente e Diretor Geral e de Diretores de departamentos de comunicação, finanças, social e técnico. O Presidente e o Diretor Geral eram eleitos pelo Conselho Deliberativo. Todos os diretores dos departamentos eram escolhidos livremente pelo

Presidente. Cada departamento tinha direito de indicar um vice-diretor. Todos os mandatos duravam o máximo de dois anos.

Os sócios atiradores poderiam matricular-se na Escola de Instrução Militar, anexa ao clube, devendo preencher os requisitos exigidos pela lei militar e satisfazerem as exigências da mesma Escola. Esta, por sua vez, seria administrada pelo Presidente do clube, com a colaboração dos diretores dos departamentos de comunicação e finanças, regendo-se, entretanto, de acordo com a lei e por regulamento próprio. Havia também uma comissão fiscal de três membros e três suplentes.

O caráter moralista e autoritário dessas normas arroladas não foge, de certo modo, aos estatutos da época, guardadas as diferenças específicas de cada instituição. O detalhamento dos trâmites burocrático-administrativos evidencia uma preocupação com controle e disciplina, categorias comuns aos mecanismos de funcionamento empresarial.

Duas situações descritas no regulamento do clube são intrigantes e não dão margem a interpretação por faltarem informações a respeito, não só das fontes escritas, como das orais pesquisadas. São elas: a nomeação da categoria *sócios atiradores* e o funcionamento, nas dependências do clube, de uma *escola de instrução militar*. Qual o significado intrínseco e manifesto da existência dessas unidades? Serviriam a que interesses, embora os entrevistados afirmem que essas duas instituições eram abertas aos sócios, independente de serem estrangeiros ou não?

O departamento feminino do clube tem uma administração própria indicada pelo Presidente e sujeita ao regulamento e às normas. As associadas têm direito às

regalias conferidas aos sócios. Porém, são excluídas do direito de votar ou serem votadas para cargos de direção.

Embora esse regulamento tenha sido registrado em 1952, a partir de 1922 ele já normatizava funções, cargos, encargos, etc dos sócios do Villa.

2.1 Os primeiros anos de um lazer operário

O Villa iniciou-se através da prática esportiva dos ingleses em Nova Lima, com o intuito de competir com o clube *Morro Velho Atlético Club*, como já mencionado anteriormente. Seus primeiros treinos foram na Praça Lagos da Matriz²¹, freqüentada por operários. Em 1910, dois anos após sua fundação, obtém sua primeira conquista. O time novalimense venceu, em Belo Horizonte, o Yale, hoje Cruzeiro Esporte Clube, pelo placar de um a zero. Na partida os dois times jogaram com dez jogadores; o Villa porque não tinha onze camisas e o Yale para não jogar com vantagem. A equipe vilanovense era formada por: Harry, Clemense, Anacleto, Araújo, Taveira e Gentmorgan, Vilela, Pimentel, Álvaro e Moore, este último era considerado o melhor ponta direita da época²². Mais tarde, em 1912, em comemoração ao aniversário do governador Bueno Brandão, o Villa disputa uma partida com o Atlético e sai vitorioso.

Seis anos após a fundação do clube, segundo o jornal *O Sport de 19 de outubro de 1936*, “foi plenamente satisfeito o desejo dos novalimenses”, que “almejavam uma vitória espetacular sobre os ingleses do *Morro Velho A. C.*”. Enfrentando-o em março de 1914, no campo das Quintas. O espetáculo foi assistido por mais de 8.000 pessoas. O Villa saiu vitorioso em um placar de 1x0. Pressupõe-

²¹ Localizada na parte baixa da cidade.

²² NOVA LIMA ESPORTES. Cultura e Comércio. N°43/06/2002.

se que aquele foi o momento em que os operários da empresa Morro Velho tenham se sentido superiores aos seus dominantes. Mostrando-se capazes de assenhorear-se de seus próprios desejos e rompendo com a tradicional hierarquia entre ingleses e operários brasileiros. Mesmo que esse evento se dê no campo. Ressalta-se, portanto, que a partir das grandes vitórias conquistadas pelo time, os jogadores adquiriram prestígio não só para a empresa, como para si próprios, tornando-se famosos por outras regiões do Brasil. Afinal, o Villa conquistou vitórias não só local, assim como em outros estados.

A partir dessa conquista, “os villanovenses passaram a contribuir com sua presença em todos, ou quase todos os espetáculos efetuados na cidade”. Segundo o jornal *O Sport, o Villa* aparecia até mesmo no final das temporadas, nas primeiras páginas do cartaz *Colocações* da Liga Mineira de Desportes Terrestres. Somente em 1929 o clube ao contrariar os arranjos da Liga²³ se ausentou de seus cartazes.

No bairro Retiro²⁴, localizado na parte alta da cidade, sob influência dos ingleses, criou-se em 1º de julho de 1916 o *Retiro Esporte Clube*. Segundo a *Revista Vida Esportiva de 1949*, com o fim exclusivo de fundar-se uma sociedade esportiva, reuniram-se na residência do “saudoso” Ricardo Gomide Morgan, os seguintes senhores: Ricardo Gomide Morgan, Américo Severiano, Antônio Carvalho de Aguiar, João Batista dos Santos, João Anastácio de Paula, Abel do Carmo, Pedro Ovídio, Zezinho Ferreira de Aguiar, Antônio Cristiano Ferreira, Teodolino Pires de Carvalho, Francisco Afonso, Henrique Gomide Morgan, Ricardo Gomide Morgan Júnior, Juvenal de Souza Costa, João Francisco da Silva, Gustavo Camilo, Antônio Aldon, Ernesto Cassilhas e José Neves da Rocha. A proposta do nome do clube foi inferida por João Batista dos Santos. Observa-se que na fundação desse clube houve uma

²³ Não foi encontrado nenhum registro que pudesse esclarecer melhor esse episódio.

²⁴ O bairro se chamava Retiro devido a uma criação de gado leiteiro que existia no local para abastecimento da Morro Velho e comunidade circunvizinha.

participação maior de brasileiros e um número menor de representantes, do que na fundação do Villa Nova Atlético Clube. Verifica-se também que a família dos Morgan esteve presente não só na fundação do Villa, assim como na do Retiro.

A primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente, Ricardo Gomide Morgan; Vice-Presidente, João Batista dos Santos; Secretário, José Neves da Rocha; Tesoureiro, Juvenal de Souza Costa, 1º capitão, Afonso Aristeu de Souza, 2º capitão, Antônio de Moraes.

A sede do Retiro foi construída em 1923, ano em que foi presidente do clube o senhor Lúcio José da Fonseca. Não mais comportando, em dias de festas seu elevado número de sócios, foi em 1930 reformada, sendo todas as suas dependências ampliadas, de acordo com as necessidades do seu meio social. Ao que concerne ao campo, esse possuía dimensões regulamentares sendo que as arquibancadas tinham capacidade para acomodar 3.000 pessoas.

O clube era aberto aos operários de Nova Lima sem caráter obrigatório de filiação e sem excluir ingleses para cargos de direção. O Retiro era um clube mantido pela Morro Velho, sem ônus para seus associados. Quanto ao Villa, sua manutenção dependia não só de benefícios da empresa como de mensalidades dos associados. Enquanto o Retiro era formado por ingleses e operários da Morro Velho, o Villa tem ingleses, operários e associados que trabalham no comércio local. A última equipe do Retiro que disputou os campeonatos profissionais de 1933 e 1934 da entidade mineira atuou com: Amador, Rodrigues, Bico, Cafifa, Mário, Pires, Aprígio, Alcino, Tão, Tíbio, Ministrinho, Astor, Baiano, Napoleão, Bianco e Palmier. Técnico: Rocha Vasco²⁵.

²⁵ Dados extraídos da Revista Vida Esportiva de 1949, p. 24 e 25.

O profissionalismo do esporte no Brasil data-se de 1933, o Retiro foi um dos primeiros times a se tornar profissional. Embora, encerrou suas atividades profissionais após 1934 voltando-se para o esporte amador. Abaixo uma foto da equipe amadora do Retiro composta por operários da Morro Velho, em pose, durante um treinamento para um jogo de times amadores em 1942, no Rio de Janeiro.



(Acervo privado: Ítalo Ragonezzi)

No período em que o Retiro voltou-se para o amadorismo, o Villa foi campeão mineiro em 1933, 1934 e 1935. O quadro a seguir retrata essa equipe tricampeã da década de 30:



(Fonte: Quadro de memória em homenagem aos 70 anos do Villa)

Um dos entrevistados, Jairo Gomes²⁶, afirma que o Villa Nova em sua trajetória conquistou prêmios inéditos que deixaram marcas indeléveis na memória dos villanovenses. Foi o primeiro clube de Minas a fazer intercâmbio esportivo com outros estados. Também é responsável por ter fornecido os primeiros jogadores de Minas Gerais para outros centros do País no final da década de 1920, como Salinas e Zé de Deus. Esses personagens trocaram Nova Lima por São Paulo, naquele “*profissionalismo marrom*” ou “*falso amadorismo*”²⁷ que reinava na paulicéia, em busca de uma remuneração melhor. Esses foram os primeiros jogadores a se desligarem da empresa e buscar outros caminhos profissionais.

Villa Nova foi o primeiro clube de Minas Gerais a lograr vitória fora do estado. Jogou no Rio de Janeiro, em 1924, “enfrentando um selecionado time formado à

²⁶ Artigo não publicado da história do Villa Nova Atlético Clube – ano 2002.

²⁷ “*Profissionalismo marrom*” ou “*falso amadorismo*” é quando alguns jogadores recebiam dinheiro “ilegalmente”. O dinheiro obtido era usado para cobrir custos de equipamentos como bolas, uniformes, chuteiras etc. Para mais detalhamento ver: HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

base de grandes valores”²⁸ do futebol carioca da época. Isso, mais uma vez, marcou a vida de operários e torcedores que admiravam o clube esportivo de Nova Lima.

Ao se fazer um quadro panorâmico dos principais momentos do Villa, um enraizamento vai-se tecendo entre memória e identidade. Um entrecruzamento de situações que deixam entrever a memória como território da identidade, no sentido mesmo em que a pluralidade de repertórios faz-se unidade. A princípio, existe uma empresa inglesa que exclui de seus espaços sócio-culturais a presença nativa, admitindo-a apenas como fator de produção. A rigidez de seu controle e exigências disciplinares, entre outros, demarcam limites consolidados por longos anos de dominação inglesa.

Nova Lima tem sua identidade pautada na referência ao trabalho da mina. A identidade mineradora é extremamente forte, e permanece forte em um período de longa duração. Enquanto em outras circunstâncias há no meio operário um impedimento de seu acesso aos vínculos da cultura dominante e dos meios de preservação dos marcos e fluxos de uma identidade escamoteada ao longo da história, a partir do início do século XX esse perfil se torna contrário na cidade de Nova Lima, quando os ingleses introduzem na mina o futebol, uma atitude responsável pela construção de uma nova identidade.

Esse é o momento em que tem início à formação da identidade operária voltada para o lazer nessa região mineradora. Ela deverá ser construída ao longo de um processo de experiências comuns vivenciadas, pois a constituição da classe trabalhadora em um lugar envolve o conjunto das relações sociais entre homens operários, que inter-relacionam suas experiências num cotidiano de vida, lazer e trabalho, de desejos e esperanças, enfim de significações.

²⁸ Domingos da Guia, Ladislau, Jaguarão, Fausto, Tinoco e outros (Fonte: Jairo Gomes).

No entanto, apesar de excluir os brasileiros de seus espaços sociais, residenciais, religiosos, mortuários, frestas abrem-se no tocante ao esporte. Nele alinham-se nacionalidades diferentes configurando-se como sócias do clube, apesar do controle e da disciplina transparecem nas normas e regulamento, embora haja traços comuns à normatização de outras entidades. Também o próprio esporte irá exigir de seus jogadores controle e disciplina. Conjugação de forças é terreno propício à formação de identidades plurais, mas convergentes.

Novos valores tais como solidariedade, tolerância, partilhamento de pertinência, etc, vão tecendo não só fios identitários como agregam à cultura operária elementos formadores de uma cultura popular que é o futebol. Esta prática esportiva refunde interações do trabalho em redes de sociabilidade que convergem para as torcidas, torneios, campeonatos, etc. Uma constelação de elementos de prazer e celebração de vida estampa novos tons e cores emoldurados pelas atividades e festividades. Assim, essa prática esportiva vai enriquecendo o dia-a-dia dos operários, ampliando o leque de suas realizações. Penetra nos lares, nos bares, nas ruas, nos encontros da mina e fora da mina, enfim, amplia seus horizontes. Há o reforço de uma identidade coletiva.

Assim como os ingleses só admitem homens como operários da mina, também o clube torna-se um *locus* propício à construção de uma identidade, porém calcada na masculinidade como atributo simbólico. As mulheres não fazem parte desse cenário, a não ser como torcedoras que vão ao campo para admirarem o desempenho dos jogadores de futebol, segundo os entrevistados.

As identidades, como afirma WOODWARD, (2000) *apud* SILVA (2000), adquirem sentidos por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. No futebol, esses símbolos são marcados pela associação

entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa: o uniforme, o brasão, o mascote e as cores, tudo funcionando, como um significado importante da diferença e da identidade. Assim, a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. Desse modo, a identidade é relacional, ou seja, depende de outra identidade para existir. Uma determinada identidade distingue-se pelo que ela não é. Pois ser do Villa Nova é diferente de ser do clube Retiro. Entretanto, jogadores e torcedores de ambos são de Nova Lima. Essa identidade pautada no esporte alimenta a cultura operária permitindo a construção de nova identidade local baseada em símbolos e representações criados por uma classe excludente naquela sociedade inglesa que compunha Nova Lima.

2.2 Villa Nova: lugares e poderes

Em 1924, foram inauguradas as primeiras arquibancadas do campo do Villa conhecido como *Estadinho do Bonfim*, nome do bairro. Sua inauguração foi marcada por uma partida entre Villa Nova e Fluminense, então tricampeão carioca. “Nesse estádio apertado, mas aconchegante, nos fins de semana, os esgotados mineiros da *Saint John* esqueciam o trabalho pesado e insalubre”²⁹. Na foto a seguir, tirada em 1922, mostra-se que antes da construção das primeiras arquibancadas os jogos eram assistidos no barranco do campo. O camarote era freqüentado apenas pelos sócios que faziam parte da elite novalimense, embora haja relatos que afirmam ter sido utilizado por sócios operários. Mas fatores relevantes não podem ser esquecidos, como por exemplo, a verticalidade dos ingleses, que provavelmente os manteria mais afastados dos operários mesmo no campo.

²⁹ FOLHA DE NOVA LIMA. Setembro/1988.



(Acervo privado: Ítalo Ragonezzi. Foto das primeiras arquibancadas do Campo do Villa)

A foto a seguir também tirada no campo do Villa mostra o primeiro quadro³⁰ do clube datado de 07 de julho de 1923, revela uma equipe mesclada de brasileiros, italianos e descendentes de ingleses. O uniforme em vermelho e branco, camisas de manga longa, decote em vô com cordas para amarrar, bermudas compridas alcançando o joelho compostas por cinto. Isso retrata a elegância do esporte da época mesmo quando é praticado por operários. Nota-se, com isso, a influência do esporte no cotidiano das pessoas permitindo, assim, a interação entre classes distintas.

³⁰ O segundo quadro se referia aos reservas, daí a diferença entre 1º e 2º quadro.



(Acervo privado: Ítalo Ragonezzi)

Em 1932, já sob a presidência de Castor Cifuentes, o *Estadinho do Bonfim* passou por reformas e ampliações. Castor Cifuentes era chefe da mina e na presidência do clube elevou os salários dos jogadores, um dos fatores responsáveis pelo impulso ao time³¹. Considerado homem de bem entre os operários antigos da cidade, Cifuentes foi contra determinados princípios de exploração do trabalho na empresa. Assim, investiu no esporte por acreditar que este humanizaria as relações entre os trabalhadores. Parece não visar ordem/ disciplina/produção entre sócios do clube, e sim uma harmonia entre os operários. Participou de uma reunião do sindicato dos operários, atitude que o levou a ser deposto de seu cargo de chefia na Morro Velho. Posteriormente, veio a falecer. Segundo sua filha, morreu de desgosto por ter sido confundido como um comunista. Após sua morte o estádio recebeu o

³¹ FOLHA DE NOVA LIMA. Setembro/1987.

seu nome. A seguir uma foto de Castor Cifuentes retirado de um monumento até hoje fixado na diretoria do campo do Villa.



(Retrato de Castor Cifuentes. Fonte: Quadro memorial do tricampeonato mineiro da década de 30)³².

Em 1931, foi construída a sede social do Villa Nova na Rua Bias Fortes, sob a presidência de José Dias de Araújo. Segundo os depoentes a sede do clube era um lugar respeitado pelos operários em Nova Lima. Neste espaço ocorriam bailes, comemoravam o aniversário do clube e outros eventos. Segundo mulheres entrevistadas era uma oportunidade para encontros, flertes e namoros. Entretanto, os pais não eram favoráveis a namoro com jogadores de futebol, pois não tinham

³² Acervo: Estádio Castor Cifuentes.

condições de lhes garantir um futuro. Havia conflitos familiares. Mas os romances aconteciam e chegavam, às vezes, a se transformar em casamentos. Até mesmo filha de inglês constituiu família com operário jogador da empresa. Para o clube, as festas significavam arrecadação. Pressupõe-se que esse era um local oportuno, para os comunistas infiltrarem suas idéias. A seguir uma foto da sede social do clube tirada em 1931:



(Acervo privado: Jesus Drumond Batista)

Uma das marcas da memória de Nova Lima é a família Liberato que, por sua vez, possui uma tradição na história do Villa Nova, pelos relevantes serviços prestados ao clube. José Liberato era zelador do campo e sua esposa, Maria Joana Liberato, cuidava dos uniformes e das roupas dos jogadores além de reunir com frequência crianças e adolescentes no campo como aparece na foto a seguir fazendo a doação de uma bola.



(Acervo: Estádio Castor Cifuentes)

Residiram durante setenta anos dentro das dependências do antigo *Estadinho do Bonfim*. Segundo Jairo Gomes, colaboravam também na alimentação dos atletas. Tiveram seis de seus filhos atuando como jogadores. Estes se dedicaram ao clube com eficiência, pois conquistaram títulos relevantes para a história do futebol em Nova Lima.

O campo era de terra e José Liberato se encarregava de retirar as pedras, para evitar que os jogadores se acidentassem durante o jogo³³. Liberato, muitas vezes, acompanha os jogos fora da cidade, causando assim ansiedade na família. Afinal, a forma mais habitual de comunicação era via telegrama e naquela época este demorava três dias para chegar. A família Liberato foi gratificada recebendo da diretoria do clube três cartões de prata, hábito comum em Nova Lima para se agradecer famílias ilustres.

³³ Folha de Nova Lima. Ano I nº08. Junho/1988.

Segundo a filha do casal³⁴, foi construída uma casa para seus pais dentro do campo do “*Estadinho do Bonfim*”. Em sua certidão de nascimento e na de seus irmãos consta natural do campo Villa Nova Atlético Clube. Por isso, a paixão até hoje presente no coração da tradicional família que “assistia todas as partidas no estádio com o entusiasmo de um primeiro jogo”. A seguir, observa-se na foto que ao lado direito das arquibancadas do campo, encontra-se a residência dos Liberatos:



(A casa branca ao lado direito da arquibancada era a residência da família Liberato. Acervo privado: Helena Liberato)

De acordo com a entrevistada, seu pai, operário da mina desde os quinze anos de idade, foi deslocado também para trabalhar no clube sem ônus. A partir desse momento, sua jornada diária na empresa passou a ser até às 15:00, enquanto os demais saíam às 16:00 horas. “Para José Liberato, o importante resumia-se em cuidar do campo”. Por isso buscava em longa distância o chamado “tabatinga”, pó

³⁴ Comunicação oral realizada em 25/07/05.

branco encontrado em barrancos, que servia para marcar o campo. Afinal, não se podia usar cal, pois essa ao ser inalada pelos jogadores, poderia lhes fazer mal. Segundo sua filha, Liberato se sentia privilegiado por trabalhar no campo. Fator difícil de acreditar. Qual é o trabalhador que sentirá feliz em ser explorado? Trabalhar mais do que os outros e não receber adequadamente? O futebol trazia alegria, companheirismo e distração como aparece ao longo do texto, mas ele não pode ser visualizado como uma peça chave na vida dessas pessoas. Como se só vivessem em função dele. Por isso as associações de classe se fazem importante nas primeiras décadas da república. O trabalhador não militante precisa de alguém que defenda seus direitos e lhe ajude a não conformar com sua relação de explorado.

Em dia de jogos, torcedores iam ao campo de terno e gravata ou trajados de camisa social. As mulheres se vestiam de forma sofisticada e, durante as partidas, tinham que ficar próximas à casa dos Liberatos pois, além de cuidar dos jogadores, a família também cuidava das torcedoras do Villa que, por sua vez, eram fanáticas com o clube e seus jogadores. No campo, segundo alguns depoentes, não existem diferenças nem de etnia, gênero ou idade. Era sofisticado freqüentá-lo. Até meados dos anos 40 mulheres não pagavam para assistir aos jogos.

Segundo Vaduca³⁵, os jogadores operários não contestavam suas condições insalubres na empresa, por esta lhes proporcionar condições de trabalho melhores que aos demais operários. No início das atividades do clube, não havia distinções entre os trabalhos dos operários, fossem eles jogadores ou não. O salário era o mesmo, não existia treino. O operário trabalhava e, ao final do expediente, divertia-se com a prática de esporte mais nova na antiga Villa Nova de Lima. A partida só

³⁵ Comunicação oral realizada em 27/07/05 em Belo Horizonte.

podia começar quando grande parte dos seus jogadores tivesse cumprido sua jornada regular na empresa³⁶.

Aos poucos, os ingleses foram adotando novas estratégias de trabalho para os operários jogadores, como já mencionado. A história do Villa Nova Atlético Clube simboliza conteúdos sociais que dão um tom na definição da identidade operária em Nova Lima.

Ainda na década de 1930, o Villa Nova cumpria outra missão histórica: saíam de suas fileiras os primeiros jogadores convidados para ensinar e difundir o futebol em outras cidades do interior de Minas, onde essa modalidade esportiva não era conhecida. Esses mestres foram Totó e Salinas, ambos operários da mina³⁷, conscientes de sua missão, tendo em vista transformar o futebol em um grande espetáculo como acontecia em Nova Lima.

2.3 O espetáculo

“A torcida do Villa vibrava em Nova Lima com esse time de fábrica”, um dos responsáveis pela construção das identidades novalimenses. A conquista de seus títulos era motivo de orgulho para a população. O primeiro título comemorado ocorreu em 1933 (ano de transição de amadorismo para profissionalismo do futebol no Brasil³⁸). Naquele ano, foi criada a Federação Mineira de Futebol e houve um intercâmbio entre os clubes, e o Villa disputou o campeonato pela Associação Mineira de Esportes Gerais (AMEG) enfrentando o América, Palestra Itália, Calafate

³⁶ FOLHA DE NOVA LIMA. Ano I nº 08. Junho/1988.

³⁷ Jairo Gomes, op. Cit.

³⁸ Para maior detalhamento ver: HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

e Guarani. O Villa foi campeão invicto pela AMEG. No mesmo ano, o Atlético (Belo Horizonte) tornou-se campeão pela Liga Mineira, enfrentando o Retiro, o Sete de Setembro, o Lagoinha e o Yale.

Para os villanovenses, se o profissionalismo tivesse sido implantado em 1932, o Villa teria sido o primeiro clube de Minas a conquistar o título de Tetra-Campeão, por ter se tornado campeão em 1933, 1934 e 1935, conforme já mencionado. De certa forma, o clube estava completando seu quarto ano de hegemonia no futebol mineiro.

O primeiro campeonato de futebol profissional de Minas Gerais foi vencido pelo Villa em 1933. O certame reuniu os seguintes clubes: Atlético, América, Palestra Itália, Siderúrgica, Villa Nova, Retiro, Tupy, Tupinambás Esporte e os três de Juiz de Fora. Eram a nata do futebol mineiro daquela época. O time sofreu apenas duas derrotas: uma para o Retiro, jogo que não acabou, e outra para o Tupynambás, em Juiz de Fora. Ainda faltando um mês para o término do campeonato, o Villa já era campeão. Essa foi a campanha do clube: treze vitórias, duas derrotas e um empate, cinquenta e dois gols conquistados e doze sofridos. O artilheiro do campeonato também era do Villa, Alfredo Bernardino, com dezesseis gols. O time que levou o primeiro campeonato profissional de Minas atuou com: Geraldão, Chico Preto e Sérgio, Zezé, Neco e Geninho, Tonho, Alfredo e Lêra, Vareta e Canhoto. Participaram também Turco, Olívio, Neguito Campos e Tobias. Em sua maioria homens que, no campo, faziam sucesso com os pés e na mina lutavam com as mãos em condições precárias de trabalho. Idéias sindicalistas e comunistas os cercavam, resta saber se eles foram delas adeptos ou não. Afinal, eram operários e ao mesmo tempo jogadores; não bastava ser jogador, pois o esporte não era visto como profissão. O jogador de futebol era visto pela sociedade

como um “vagabundo”, caso não trabalhasse. Principalmente em Nova Lima, porque ser trabalhador era, em sua maioria, ser empregado da *Saint John d'El Rey Mining Company*. Abaixo segue uma foto da equipe campeã de 1933, tirada no campo do Retiro.



(Foto de Carlos Góes. Acervo: Estágio Castor Cifuentes)³⁹

Como se pode observar, o que já foi levantado anteriormente, os times do período em referência passam a não mais contar com jogadores de descendência inglesa. Talvez isso seja devido às transformações ocorridas nas décadas de 30, 40 e indo além, a de 50 foram marcadas por grandes mudanças no ambiente político-social, com a implementação das Leis Trabalhistas de Getúlio Vargas, o que se refletiu diretamente nas relações de trabalho. O movimento sindical ganhou corpo, a CLT foi promulgada e esse entrecruzamento das lutas operárias com as políticas

³⁹ Segundo Jairo Gomes essa foto foi comprada de um acervo privado do diário da tarde.

governamentais de concessão de benefícios ao trabalhador mudou a realidade do trabalho na Morro Velho consideravelmente, melhorando-a em diversos aspectos. Contudo, por outro lado, a empresa resistiu às mudanças e manteve padrões de exploração já consolidados.

Ainda em 1933, o Villa foi solicitado a exibir a força de seu futebol no Rio de Janeiro. No primeiro jogo teve uma vitória de três a zero sobre o Bangu. Vale aqui lembrar que Villa Nova e Bangu eram dois times criados e elevados a grandes categorias por craques operários. O Bangu era o campeão carioca. Depois, seguiu-se a vitória sobre o Flamengo por dois a um. No terceiro jogo, um empate de dois a dois com o Fluminense, que estava empenhadíssimo em deter um time imbatível. A decisão do primeiro turno do campeonato de 1934 foi também disputada contra o Retiro. A rivalidade entre o Villa e o Retiro era muito grande. Ficou decidido que a primeira partida seria realizada no campo do Villa e a segunda no campo do Retiro. Mas o Villa tinha tanta confiança em sua capacidade técnica que aceitou realizar os dois jogos no campo do adversário. A vitória era tida como certa, tanto fazia o local. Mas o Villa Nova perdeu de um a zero. Segundo Jairo Gomes, a torcida invadiu o campo e se não fosse a interferência do Presidente do clube, o espanhol Castor Cifuentes, poderiam ter ocorrido até mortes.

Episódios como esses eram corriqueiros nos campos de futebol, não só em Nova Lima como em outros lugares. Mas, a forma pela qual ele se desenvolve nesse caso parece bastante significativa. Mesmo sendo comum a formação de rivalidades e antagonismos diversos entre os clubes menores, o fato de que uma derrota pudesse levar uma torcida inteira invadir o campo e agredir os adversários na defesa de seu time, indicava a existência de uma forte união e paixão pelo esporte. De

acordo com alguns depoentes, cenas como essas seriam para outros times e jornalistas da época simples mostras de selvageria e atraso do homem.

O centro-médio (volante) Pires, do Palestra, reforçou o Retiro nessa partida. O Villa teve dois gols de Alfredo Bernardino anulados pelo árbitro, e a torcida villanovense, que havia enfeitado o campo todo de vermelho e branco, não agüentou e o invadiu. Veio o segundo jogo, o Retiro ficou “cheio de si” e reforçou sua equipe, contratando jogadores de fora. Trouxeram Rogues, Salgueiro e Henrique do Rio de Janeiro e Cafifa de Itabirito. A linha atacante do Retiro era formada de Astolfo, Baiano, Damião, Bentinho e Ministrinho. O Villa Nova realizou uma de suas melhores partidas e venceu por quatro a zero, o que lhe garantiu o título de bicampeão de 1934. Dizem os antigos moradores de Nova Lima que “os jogadores que vieram de fora para reforçar o Retiro ficaram tão envergonhados que embarcaram imediatamente no bondinho das 17:15 horas, para Raposos a fim de apanhar o trem que os levaria de volta ao Rio de Janeiro. Na primeira partida, o árbitro Silva Pinto foi agredido por uma torcedora fanática que rasgou seu uniforme”⁴⁰.

Em 19 de março de 1934 no campo do São Cristóvão O Bangu enfrentaria o *Leão do Bonfim*. O campo estava lotado, segundo os entrevistados, todos aguardavam ansiosamente a apresentação do time campeão mineiro, que dessa feita entra em campo, com camisas “*alvinegras*”, e logo depois o quadro villanovense, que usava camisas “*alvirrubras*”. Ambos foram recebidos pelo público com uma “calorosa” salva de palmas. E neste momento caiu um forte temporal que obrigou os jogadores a esperarem um pouco para que a partida fosse iniciada. Cessada a chuva, os times, sob o apito do árbitro Euclides Dias, alinham-se e dão

⁴⁰ Entrevistas com antigos moradores de Nova Lima.

início à partida. O Bangu começa o jogo às 16 horas e 25 minutos e, logo aos 15 minutos, Campos “escora” um cruzamento de Lêra e faz Villa Nova um a zero. O Villa, “no ataque”, consegue o seu segundo tento através de Campos que dessa feita “escora” com o pé direito um cruzamento de Alfredo. O Villa faz dois a zero e assim termina o primeiro tempo. Na segunda parte do jogo, Campos, aparando um cruzamento de Lêra, faz o terceiro gol do Villa e, finalmente, Tonho, com um chute de fora da grande área, faz o quarto gol, e assim termina a partida. Ao analisar a partida Jairo Gomes afirma que “o centroavante Neco, do time mineiro, foi o melhor em campo e Alfredo, também do Villa, foi o maior destaque da defesa”⁴¹.

Mais tarde foi marcada outra ocasião para se decidir o título. O campo do Siderúrgica, em Sabará, foi o palco dessa decisão. E no dia 18 de novembro de 1934, às 16 horas, o juiz Oswaldo Kroft de Carvalho chama para o centro do gramado os dois times. Houve apenas vinte e um minutos de futebol, o mesmo tempo que faltava quando a última partida fora interrompida. O jogo, por determinação da Associação Mineira de Futebol, fora realizado com os portões fechados. Mas ninguém conseguiu fazer gol. E sendo assim, o Villa tornou-se campeão. Em todo esse campeonato o clube marcou trinta e nove gols e sofreu dez, conquistando assim os dezenove pontos que lhe valeram o campeonato.

Uma das maiores batalhas para decidir um campeonato, segundo os villanovenses, ocorreu na decisão de 1934. O Atlético, líder do certame, joga contra o Villa Nova, e o resultado do jogo ainda não decidia o campeonato. “O Villa joga as suas últimas esperanças”⁴². Apenas um ponto separa os dois e nessa temporada não houve adversários fracos. “Grandes autoridades” como Benedito Valadares e doutor Odilon Braga, ministro da Agricultura, do governo Getúlio Vargas, assistiram

⁴¹ Jairo Gomes, op. Cit.

⁴² Jairo Gomes, op. Cit.

ao jogo que acontecera em Nova Lima. Um árbitro carioca, Guilherme Gomes dirigia a partida. O primeiro tempo termina em zero a zero. Vem o segundo tempo e, quando faltavam vinte e um minutos para terminar, acontece o gol que determinou a interrupção do mesmo. Um “centro” de Tonho é alcançado por Canhoto, que passa para Perácio e este cabeceia para as redes do gol atleticano. Os jogadores do time “*alvinegro*” alegam para o juiz que a bola saíra e que foi posta para dentro do campo por um assistente, o “famoso homem da bengala” que se encontrava encostado junto à baliza. Nesse momento, a torcida invade o campo e a partida não prossegue. O juiz alega que nada disso acontecera e que o gol do Villa havia sido ilegítimo.

A equipe que conquistou o título de 1935, a do tricampeonato, atuou com: Geraldo (Alencastro), Chico Preto e Sérgio (Barão); Zezé Procópio (Cachucha), Neco (Cícero) e Geninho (Tico-Tico); Tonho (Lêra), Alfredo Bernardino, Perácio (Vareta); Mergulho (Prão) e Canhoto. Técnico ,Henrique Othero. Abaixo segue uma foto da equipe de 1935 após uma disputa com o Democrata, de Sete Lagoas. O time villanovense jogou com o segundo uniforme a camisa era branca, com pequeno detalhe vermelho na gola e calção branco. Era de costume a equipe que jogava em casa trocar o uniforme caso os adversários comparecessem para o jogo com uniforme semelhante.



(Acervo privado: Ítalo Ragonezzi)

Jairo Gomes, em seu artigo não publicado, afirma que:

“O goleiro Geraldão, dada a sua coragem e bravura nas saídas do gol, era muito temido pelos atacantes, era considerado como o ‘Goleiro-Fera’. As travas de suas chuteiras nunca levavam maldade contra o Guará, o Perigo Louro do Atlético, pois eram amigos. Tonho chutava muito bem com os dois pés e durante o jogo trocava constantemente de posição nas pontas, com Lêra, para confundir a defesa adversária. Tonho raramente perdia um penalt, punha-se de costas para o gol e para a bola e, ao ouvir o apito do árbitro, voltava-se rápido para o arremete fatal. O ponteiro esquerdo Canhoto abria as asas (os braços) ao correr pela extrema, com a bola dominada”. (Jairo Gomes: 2002)

Villa Nova também se revelou como vice-campeão mineiro nos anos de 1936, 1945, 1946, 1947 e 1953⁴³. O clube há de conquistar o tetra-campeonato em 1936, ao disputar a final com o Atlético, “ambos com um ponto perdido, quando Nicola bateu uma falta da esquerda, entre o bico da área e a lateral, e Guará cabeceou para a rede”.

⁴³ O período citado refere-se ao corte cronológico do objeto em estudo. O Villa também conquistou outros títulos em períodos que aqui não vêm ao caso.

Ainda em 1936, o Villa Nova voltou a jogar no Rio de Janeiro contra o Botafogo que acabava de retornar da Europa, onde fez grande sucesso. O clube vence de três a dois, e o zagueiro Sérgio realizou uma boa partida. Sérgio nasceu em Nova Lima e atuou como titular até 1939. Inicia sua carreira no time infantil do Retiro, juntamente com Barão, que também era zagueiro. O time infantil do Retiro chamava-se “*Dubin*” e foi criado pelo desportista Bernardino Nardy.

Segundo a Folha de Nova Lima (2004), na década de 1940 Villa Nova contou com boas equipes forjadas nas categorias de base – infantil e juvenil - lapidadas no time amador que disputava o campeonato da cidade.”

Um fator relevante na história do clube foi a criação da charanga, uma marca registrada na formação das identidades villanovenses. Em 1946, nascia a Charanga⁴⁴ do Villa Nova, depois da Charanga do Flamengo, a mais antiga do Brasil. A idéia da criação da Charanga surgiu de uma conversa entre o Edgar Henrique do Amparo (ex-jogador do Villa em 1938/1944 e irmão do craque Cici) e o músico José Acácio de Assis Costa (Zé Fuzil). De início, ele estranhou a idéia do amigo Edgard, mas logo tratou de colocá-la em prática, cedendo à charanga músicos e instrumentos da Corporação União Operária. A charanga não tinha fins lucrativos. Segundo Zé Fuzil:

“Nos dias de jogos, a charanga saía da Vila Operária, em direção ao centro, e ia arrastando o povo até o campo. A gente tocava um dobrado e ninguém conseguia resistir”. E onde quer que o Villa fosse, a charanga ia

⁴⁴ De acordo com o depoente Martinho Perez Rodrigues (07/1927), a Charanga do Villa foi instituída pelo Zé Fuzil, maestro da banda União Operária. Zé Fuzil foi o responsável por organizar a Charanga que tocava no bloco dos sujos (bloco de carnaval – também parte de uma cultura operária). Os fundadores do bloco foram: Nicácio de Hélio, Zezinho Goulart, Oswaldo e Edgar. Como não tinha chuveiro na empresa *Saint John*, os operários saíam sujos de poeira, principalmente o maquinista de furar. “Os operários saíam da mina, atravessavam a rua e só seriam reconhecidos depois do banho tomado. Nessa circunstância, o bloco de carnaval passava pela rua, eles entravam no bloco para fazer farra. Daí a formação do bloco dos sujos. A farra era tão boa que surgiu a idéia de se criar a Charanga do Villa Nova”. Como se percebe esta foi oriunda do bloco dos sujos. (Comunicação pessoal realizada em 17/03/2006).

junto. A pinguinha ia dentro da tuba do Totó Baixão, provavelmente um dos únicos lugares não revistados à entrada dos Estádios. Um dia, durante uma partida contra o Atlético, um torcedor disse a Juca Liberato: Como é que vocês conseguem jogar com esse barulho todo? E ele respondeu: Pois se eles não vierem é que não tem jogo. Passados alguns anos, o Atlético também fundou a sua charanga e em 1951, quando o Villa sagrou-se campeão, seus torcedores já apareceram em campo fazendo o mesmo barulho. A charanga não tinha fins lucrativos e o entrosamento entre os músicos era fácil. Havia uma música para cada ocasião: a de saudação, quando o time entrava em campo; o rufar dos taróis durante a marcação de faltas; outra para os gols; o hino do Villa, etc. Quando havia um gol, a gente tocava até arrebentar. Quando acontecia do Villa perder, a charanga voltava para Nova Lima tocando do mesmo jeito. O coração doía, mas a gente não parava de tocar. Passados quarenta e três anos de sua fundação, a charanga do Villa segue cumprindo o mesmo papel, mas já não tem mais à sua frente o seu Edgar com sua varinha, hoje com setenta e três anos, nem Zé Fuzil, ainda maestro da Corporação União operária. Hoje, a alegria dos torcedores é comandada por Délcio Félix”.(LEÃO DO BONFIM NOTÍCIAS, 1989: 03)⁴⁵.

Depoentes afirmam que a cidade de Nova Lima tem o Villa Nova como sua paixão maior. De fato não se pode negar totalmente essa informação. Embora ela não se aplique de forma generalizada. O time possui um grande número de torcedores também em Belo Horizonte e cidades vizinhas. Foi o primeiro clube de Minas a revelar jogadores para a Seleção Brasileira⁴⁶.

O futebol se tornava um código compartilhado entre todos, ia, porém, dando-lhes uma base comum sobre a qual construía suas diferenciações. Assim, os operários da Morro Velho mostravam que, para além das muitas divergências ocasionais que expressavam em seus respectivos clubes, tinham no futebol um meio de articular diferentes redes de solidariedade, tecidas de acordo com a ocasião. Superando suas desavenças, os adeptos do jogo dentro da empresa expressavam, para além de suas diferenças, uma identidade que tinha no esporte um meio eficaz de efetivação.

⁴⁵ LEÃO DO BONFIM NOTÍCIAS, Órgão Informativo do Villa Nova Atlético Clube - Ano I- Nº1 – Junho/89. Entrevista com os senhores: Edgard Henrique do Amparo e José Acácio de Assis Costa (Zé Fuzil).

⁴⁶ Zezé Procópio e Perácio foram os jogadores convocados para a Copa da França de 1938. (Fonte: Jairo Gomes).

Nos anos que sucederam aos do tricampeonato, o Villa manteve sua tradição de grande celeiro de craques para o futebol brasileiro. Segundo Jairo Gomes: “a forja de craques não pode parar como nunca parou! É como os fornos da própria Mineração Morro Velho que não param de produzir ouro”⁴⁷.

Os villanovenses mais antigos acreditam que a estrutura do futebol mineiro é “viciada” desde seus primórdios, sempre pendendo em favor dos clubes da capital. Queixam-se de alguns títulos que as “más arbitragens” impediram que o Villa conquistasse. Segundo eles, é “uma pena que na época não existia televisão para registrar e comprovar esses fatos”⁴⁸.

Em 1951⁴⁹ o clube volta a conquistar outro importante título, o de Supercampeão Mineiro. “Formou-se uma equipe modesta”⁵⁰ que cresceu à medida em que se realizavam as partidas. Inicialmente, a equipe foi orientada pelo Professor Juvenal Pereira que reforça a preocupação com a preparação física do jogador. Nesse aspecto, a equipe villanovense entra no campeonato com vantagem sobre seus adversários. Convidado para dirigir outra agremiação, foi contratado para assumir a direção técnica da equipe um jovem de vinte e um anos, formado em Educação Física e Psicologia, considerado profundo estudioso e conhecedor de futebol. Era Professor Martim Francisco Ribeiro de Andrada, de família tradicional da política brasileira, descendente de Andrada.

Martim Francisco era técnico de um tradicional clube amador da capital, o “Terrestre”, e foi convidado pelos Diretores Alceu Viegas e José Nunes Siqueira Campos para assumir o Villa Nova. Iniciou seu trabalho implantando o sistema 4-2-

⁴⁷ Jairo Gomes, op. Cit.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ No início de 1951, durante o jogo da seleção mineira, o time do Villa que havia sido denominado de “seleção suicida”, fez um passeio de bola e o jogo terminou em 2x1 para o Villa, com dois gols de Barros. (Folha de Nova Lima. Ano I nº08. Junho/1988).

⁵⁰ O time de 1951 era composto por: Arizona, Madeira e Anísio, Vicente, Lito e Tão, Osório, Vaduca, Chumbinho, Foguete, Fradeco, Tobias e Escurinho.

4⁵¹ que revolucionou o futebol brasileiro, principalmente após a conquista do título de Campeão Mineiro pelo Villa Nova. Os demais clubes brasileiros passaram a adotar esse mesmo sistema que acabou proporcionando a conquista da Copa da Suécia em 1958.

Segundo Benedito Custódio Ferreira, mais conhecido como Escurinho (2005)⁵²:

“A equipe de 1951 é constituída de amigos, uma verdadeira família. Eu, por exemplo, fui pretendido pelo Atlético, América, Cruzeiro, mas sempre quis ficar no Villa. Essa forte sintonia foi fundamental para que superássemos os obstáculos e vencêssemos o time do Atlético, que era muito bom. Mas o nosso era melhor. Aquele título (1951) ficou marcado, principalmente a última partida. No terceiro jogo da decisão (Villa Nova e Atlético), no campo do Sete de Setembro, chovia muito. O gramado estava coberto de lama. A partida final havia sido adiada por dois domingos consecutivos devido às chuvas. Dizia-se que o time *alvinegro* temia jogar contra o Villa naquelas condições, uma vez que a equipe do Leão do Bonfim era especialista em jogar na chuva. Mas não havia mais como adiar. Duas partidas já haviam sido disputadas. Uma vitória do Villa, uma do Atlético. E o terceiro jogo foi realizado, mesmo com chuva. No finalzinho do segundo tempo, persistia o empate. Até que surgiu a oportunidade. Uma cobrança de falta a favor do Leão. Lito bateu e jogou para Vaduca. Sinval, goleiro do Atlético, escorregou na poça d'água. A bola ainda deu uma parada e entrou. Gol do Villa, gol do título. O juiz teve que pedir para a charanga parar de tocar, porque daquela forma não era possível ouvir o apito. Quase quinze minutos após o encerramento do tempo regulamentar, ele encerrou a partida. O Villa Nova era o campeão”. Naquela época quem não trabalhava era considerado vagabundo, então todos teriam que trabalhar na segunda-feira. Mas mesmo assim arrumaram um leão e colocaram um galo na boca dele. Como forma de comemorar a vitória saímos juntos com a charanga em um desfile pela Avenida Afonso Pena. Chegamos em Nova Lima às 11:00h da noite. Acabamos com a galinha pedrez. Em Nova Lima a festa durou a noite toda, e às 5:00h todos tinham que pegar serviço”.(Benedito Custódio Ferreira – Escurinho - Comunicação Pessoal).

⁵¹ Este sistema significava que no campo ficariam quatro jogadores atrás, dois no meio e quatro à frente. Na verdade era uma tática de ataque e defesa.

⁵² Entrevista realizada, Rio de Janeiro, 26/07/2005. Depoente Benedito Custódio Ferreira. Em 1951 não trabalhava mais na mina, os ingleses lhe ofereceram um trabalho mais leve como caminhoneiro da empresa (transportando farinha para porcos).



(Foto da equipe supercampeã de 51. Acervo privado: Ítalo Ragonezzi)

Em 1953, último ano em que os operários da Morro Velho eram obrigatoriamente inscritos no clube, o Villa volta a formar outra equipe⁵³, decidindo o título com o Atlético, ficando com o vice-campeonato. A partida acontece no Estádio Independência. O clube, nesse ano, de acordo com Escurinho, (*ibidem*), conquista vantagens. A direção da empresa permite que os jogadores possam sair 30 minutos mais cedo durante dois dias da semana (terça-feira e quinta-feira) a fim de que seu treinamento seja mais proveitoso. Para os operários jogadores, provavelmente essa foi uma grande conquista. Conseqüentemente, esperavam vitória em 53 e não um título de vice-campeão. A tristeza frente ao segundo lugar esteve estampada não só no rosto dos operários e torcedores, assim como no semblante dos membros do Conselho Deliberativo em uma reunião posterior ao jogo, conforme demonstra a foto abaixo:

⁵³ A equipe da partida decisiva era formada por: Dick, Siemens e Anísio; Tão, Barbatana e Canhotinho; Osório, Vaduca, Gato, Ferreira e Escurinho. Faziam parte do elenco: Juca, Jair, Tobias, Fradeco, Roberto, Osvaldo, Guilherme, Lacerda Rabelo, Manuel, Baiano, Nenen, Edson, Edílson, Cinquenta, Amaury, Álvaro e Nenê.



(Acervo: Estádio Castor Cifuentes)

Após 1953, o Villa não recebe mais o apoio antes oferecido pela empresa, fator responsável pelo declínio de suas conquistas. Embora, continua conquistando títulos de vice-campeão. Segundo o depoente Jesus Drumond Batista, o time vai aos poucos se acabando e hoje carece de sócios. Entretanto, entrevistas com outros novalimenses contestam sua palavra: “o importante é saber que sua esperança continua e suas arquibancadas ainda vibram contagiando os novalimenses e todos aqueles que passam por lá”. Em sua memória, permanece a história de operários que, em busca de lazer, conquistaram títulos inesquecíveis para a história do futebol mineiro, consolidando novos valores crenças e costumes no seu lidar cotidiano.

Servindo como elemento aglutinador para os trabalhadores, o futebol lhes aparecia como a chance de efetivação de uma identidade que, por mais que tivesse um claro recorte operário, escapava ao rígido controle exercido pela companhia na qual trabalhavam, onde a freqüência a associações de classes e sindicatos era punida com rigor. Apoiados pelos próprios patrões, os clubes esportivos possibilitavam que, fora do ambiente de trabalho, se formassem laços de companheirismo entre si.

CAPÍTULO III

PAIXÃO E POLÍTICA: O FUTEBOL E AS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

O presente capítulo procura buscar uma aproximação entre a prática esportiva dos trabalhadores de Nova Lima e sua possível participação em associações de classe.

1. Esporte e associações de classes

Em Nova Lima, segundo relatos, a organização do operariado propiciada pelo futebol se estabelecia de uma forma muito distante dos eventos patrocinados pelos militantes de tendência comunista. “Jogadores e muitos torcedores pareciam desinteressados dos temas discutidos nos jornais e reuniões operárias e mostravam-se avessos aos discursos doutrinários, como reconheciam os próprios sindicalistas”. Essa situação torna-se complexa uma vez que, levando em conta a tese de GROSSI, o comunismo esteve fortemente presente na região. E se os operários eram obrigados a filiarem-se ao Villa Nova Atlético Clube, então, pressupõe-se que alguns deles de tendência comunista fossem também filiados ao sindicato de oposição da empresa. Embora tivessem que mascarar sua participação ou em caso contrário, seriam demitidos.

Talvez trabalhadores da Morro Velho, relutando em adotar de modo passivo o modelo de sindicalização e as propostas de articulação defendida por militantes, em especial os comunistas, continuavam assim a fazer dos clubes esportivos um dos principais estímulos à sua organização e à constituição de sua identidade.

A política e a cultura são elementos essenciais na constituição da classe que, através de práticas individuais e coletivas, num contínuo fazer e re-fazer, reinterpretam a realidade instituída, imprimindo-lhe outra significação. É importante ressaltar que as experiências não ocorrem com base em um único elemento formador, e sim no entrecruzamento de vários elementos, nos limites e pressões que eles impõem aos indivíduos, no processo de construção de experiências empreendidas num jogo de alianças, conflitos, convergências e antagonismos.

Segundo DUTRA & GROSSI (1987:104), no estudo *A historiografia e movimento operário: o novo em questão* define-se a classe não apenas pelos homens, mas também pela maneira como estes vivem suas próprias histórias e lutam em face de interesses opostos aos seus. Assim, a nova conceituação de classe como sujeito histórico, como uma formação social e cultural, volta-se para o trabalho e a vida operária, situando-a como parte integrante das relações históricas, sem perder de vista as implicações de poder dentro dessas relações.

A classe pode indicar uma maneira de limitar as possibilidades de realização individual, tanto no plano das necessidades materiais de alimentação, habitação, vestuário, etc, quanto no plano cultural e de lazer. Entretanto, é através dela que se abrem possibilidades para a organização e mobilização dos grupos sociais.

Em Minas Gerais desde fins do século XIX existem associações operárias. Entretanto, não se poderia qualificá-las apenas como associações de classe, não só por seu caráter assistencialista, como pela composição social de seus membros que transcendia a categoria operária. Assim, em 1891, surgiu a Associação Beneficente Tipográfica, em 1897 a Associação da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, em 1900 a Liga Operária de tendência socialista reformista, propondo ser uma associação de indivíduos de idéias democráticas, com a finalidade de organizar o

proletariado para defender direitos e interesses da classe operária. A Liga, de início, contava com operários, estudantes, comerciantes e funcionários públicos. Em 1902 ocorre a criação da Associação Auxiliadora dos Funcionários Públicos. Em Nova Lima assiste-se, em 1902, à formação de uma primeira entidade operária: Junta Auxiliar dos Operários.

De acordo com RODRIGUES (s/d:107), durante a Primeira República, parecia que ninguém via as necessidades reais da família operária, sem nenhuma esperança, salvo certos benefícios arrancados por meio de greves, ou dados pela “benevolência” patronal. Não existiam garantias de emprego, seguro contra acidentes no trabalho, honorários fixados e respeitados, nem mesmo nos dias de domingo, auxílio quando doente, inválido e, durante os partos, no caso das mulheres. Além das desgraças enumeradas, o desemprego ajudava periodicamente a tornar pior a vida do assalariado. O estado de pobreza ignorado pelos dirigentes e a indiferença das leis, garantindo aos patrões a possibilidade de serem cada vez mais ricos, em prejuízo dos operários que ficavam cada vez mais pobres, haveria de empurrar o trabalhador para a greve e evidencia-se a luta de classes. O associativismo, a união, a solidariedade e o apoio mútuo serviriam de elos no curso da luta por dias melhores. Justa e humana tentativa de reduzir o pauperismo gerado pela ganância, o egoísmo e a intolerância de uns poucos. Na visão do autor, isso fatalmente levaria o homem à guerra de classes.

É nesse contexto que Edgar Rodrigues explica as greves ocorridas no Brasil no período republicano, remetendo à Villa Nova de Lima, onde eclodiu um conflito no dia três de março de 1907 (um ano antes da fundação do Villa Nova Atlético Clube) por melhores salários e mais humano tratamento. O desfecho dessa greve foi, segundo RODRIGUES (s/d:11), brutal. Os patrões recusaram qualquer

entendimento com os delegados dos grevistas e pediram reforço policial para dirimir a questão trabalhista. Prontamente atendidas as reclamações patronais, partiram de Belo Horizonte 80 soldados fortemente armados e, em diálogo de coronhadas, acabaram com a greve. Segundo esse autor, de acordo com manifesto então distribuído em todo Brasil pela “Junta Auxiliar dos Operários”, os patrões pagavam salários de fome. Por isso estavam sempre com deficiência de pessoal do fundo das minas e da superfície. O trabalhador local recusava-se a trabalhar. Para ele era melhor sucumbir à fome desempregado do que morrer de fome sob trabalho escravo.

Essa resistência leva a Companhia de Morro Velho a contratar operários em outros estados mediante ofertas salariais convidativas. Do Rio de Janeiro, partiram alguns trabalhadores esperançosos e confiantes. No dia do primeiro pagamento não lhes foi pago o prometido. Essa situação desencadeia outra greve. Para resolver as reclamações dos trabalhadores ludibriados, acionaram o major Nicolau Tassara de Pádua, delegado especial e o exército de cavalaria que prendeu as vítimas do logro patronal, “arrancando-lhes os botões das calças. Depois de alguns dias de prisão e dos espancamentos de praxe, foram escoltados, com as calças nas mãos para não ficarem nus, e expulsos como bandidos indesejáveis”. Nesse contexto que provavelmente surge a idéia de implantar uma forma de lazer dentro da empresa, na perspectiva de trazer uma calma entre os operários.

Dada a precariedade das fontes, só foram encontradas informações sobre entidades operárias em Nova Lima a partir de 1930, em especial a fundação do sindicato de trabalhadores da mineração⁵⁴. Ao que tudo indica, pode-se inferir que o

⁵⁴ Ver: GOSSI, op.cit.

governo Vargas influenciou, em certa medida, o comportamento dos operários em relação à empresa, reforçando sua mobilização pela aplicação da lei getulista.

Houve, sem dúvida, conquistas sociais dos trabalhadores, mas estas contaram com o suporte de leis que beneficiaram, mesmo que com inúmeras restrições, os operários da Mina. O Estado, através da ação do Ministério do Trabalho, incorporou as reivindicações operárias e também as patronais de limite às ações operárias, o que fez parte da estratégia autoritária. Porém, por outro lado, no caso de Morro Velho, as reivindicações dos operários foram pautadas no cumprimento da legislação trabalhista. A própria fundação do sindicato, primeira conquista dos operários da Morro Velho, esteve associada, até certo ponto, com a conjuntura do país. Como afirma GROSSI (1981), “a fundação do sindicato dos mineiros se inseriu no novo quadro institucional e constitucional que pervadiu a sociedade brasileira após o movimento armado de 1930, que finalizou a Primeira República”. Como se observa, é fato que os trabalhadores da Morro Velho se apropriaram das concepções dominantes acerca do Estado paternalista para exigirem sua eficiência. Nesse sentido, concorda-se aqui com a afirmação de FERREIRA, para o qual:

“As enunciações discursivas de trabalhadores e populares à época do primeiro governo de Vargas demonstram como eles aceitavam o discurso oficial e as concepções dominantes. Todavia, não interpretamos essas formas de expressão como conformismo, passividade ou resignação, mas, antes, como apropriação – no sentido dado por Roger Chartier -, que lhes permita fazer leituras criativas, singulares e desviantes. O aparente conformismo fazia parte de uma estratégia de vida para alcançarem seus objetivos mais imediatos”. (FERREIRA: 1997:32-33)

Vargas, por sua legislação, foi por muitos operários *consagrado*, como é possível observar na foto a seguir em um desfile, cujos adversários do Villa Nova e

Palestra Itália entram em campo segurando um andor com a foto de Getúlio, mais ao fundo vê-se uma grande bandeira do Villa:



(Acervo: Estádio Castor Cifuentes)

Segundo D'ALBUQUERQUE (1940:40) a organização sindical é prevista e amparada pela lei, entretanto a Companhia de Morro Velho fazia campanha contra, porque o sindicato é uma organização que defende os direitos dos trabalhadores, para fazer respeitar as leis. A maioria dos operários havia filiado ao sindicato, entretanto a empresa criou outro, denominado de União dos Empregados da Morro Velho⁵⁵, sindicato dito operário, tutelado pela empresa mas completamente divorciada dos seus princípios operários, razão pela qual a grande massa dos trabalhadores se desinteressavam dele. A empresa assumia os compromissos,

⁵⁵ No acervo da Casa da Cultura em Nova Lima entra-se livros de registro de assinaturas de filiados da União dos Empregados da Morro Velho.

inclusive o desconto em folha, que até então era negado ao sindicato dos mineiros. Os operários ao ingressarem na Companhia automaticamente já estavam inscritos no sindicato “patronal” e o desconto em folha feito compulsoriamente. Segundo os entrevistados, jogadores do Villa eram proibidos de se quer mencionar a existência do sindicato dos mineiros. Nenhum registro comprova sua participação nesse sindicato.

Além do sindicato patronal, os ingleses aliam-se à Igreja católica local somando forças para enfraquecer o sindicato dos mineiros. Que segundo a empresa é um “antro” de comunistas. Tanto que ela despede seus dezessete operários fundadores. Uma das táticas dessa coalizão empresa/igreja era a seguinte; no dia e hora de uma assembléia marcada pelo sindicato o Villa programava uma partida de futebol ou a igreja convocava seus fiéis para solenidade religiosa.

Ao longo da pesquisa não se encontrou nenhum registro que evidenciasse uma ligação mais estrita entre a militância sindical e o uso do futebol de prática como mecanismo de agitação e mobilização operária. Pelo contrário, o momento do jogo era como uma válvula de escape face às condições rudes de trabalho e vida do mineiro. O esporte explicita a possibilidade do operário ser sujeito de sua própria ação. O mesmo valia para jogadores ou torcedores. Esses sujeitos capazes de assenhorear-se de seu próprio destino mostravam superiores e “infalíveis” no campo.

Essa visão é reforçada na tese de GROSSI (1981):

“Uma frente trabalhava com precaução em divulgar idéias de classe, luta de classes, unidade de interesses entre a classe operária, necessidade de solidariedade entre os mineiros, pertinência e idêntica condição operária, etc. As idéias eram veiculadas a partir de conversas informais nos intervalos do trabalho, nas casas dos mineiros, nas festas, nos locais de diversão, como nos passeios pela praça da cidade, jogos de futebol, de cartas, etc. A

finalidade primeira dos encontros era construir laços de amizade, ganhar confiança, estabelecer camaradagem. Os temas das conversas não assumiam conotação doutrinária e sim a de comentários sobre o trabalho, a vida do mineiro, a Companhia, a família; enfim, penetrava-se na visão do mundo das representações de cada operário a que se tinha acesso. Esses contatos preliminares visavam a uma tomada de pulso do terreno concreto em que caminhavam. Aos poucos, as idéias que se trocavam sobre o trabalho, sobre a vida operária, sobre o mundo operário, eram colocadas em confronto com a condição patronal.(...) Nota-se que trabalhavam no sentido de despertar a percepção do distanciamento entre os donos da mina e os homens da mina”. (GROSSI,1981:86)

Como se vê os militantes ao tentar ganhar adeptos sondavam seu campo de atuação, como dirá GROSSI (1981) com *precaução e tomada de pulso*. Isso pode significar um recuo quando o terreno não fosse propício. No caso analisado, os sócios do Villa.

Pode-se então, perante as fontes pesquisadas dizer que o futebol em Nova Lima foi responsável pela formação de uma identidade que permitiu não só trabalhadores, como demais moradores da cidade a se organizarem numa associação esportiva, respeitando-a e defendendo seus interesses de maneira que nem mesmo os comunistas e sindicalistas conseguiram alcançar ao longo de sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No registro dessa discussão a tentativa foi de buscar os possíveis significados da prática do futebol de fábrica que como membro de uma cultura popular adentrou os círculos operários como um dos elementos constitutivos de uma identidade coletiva, não só operária, como local. Também havia a proposição de se procurar um nexo entre militâncias esportiva e sindical.

Apesar do caráter excludente das relações entre ingleses e operários brasileiros, a iniciativa da fundação do Villa Nova Atlético Clube permitiu determinados níveis de convivência partilhados, devido as próprias exigências para prática desse esporte. Ao longo da trajetória do clube, processos identitários transformam seus membros em sujeitos de ação, explicitando uma identidade coletiva e local. Todavia, não houve indícios de conexões entre o Villa Nova e o sindicato dos trabalhadores da mineração tendo em vista uma prática política. Entretanto, pode-se verificar a incorporação do futebol à cultura operária e seus desdobramentos, como é próprio da natureza de uma cultura popular. Um dos desdobramentos dessa cultura repousa em sua constelação de símbolos, crenças, valores, costumes, emoldurada pelas representações.

Outra pretensão veio em deixar de lado a tentativa de construir uma história do jogo somente pela lógica daqueles que tentavam utilizá-lo como meio de levar aos trabalhadores os seus próprios projetos.

Segundo PEREIRA (2000):

“As interpretações que fazem do futebol um mecanismo disciplinar ou um instrumento de alienação estão realmente, no período, presentes no

debate sobre o jogo; elas constituem, porém, apenas uma parte dele. Mostrando efetivar em seu dia-a-dia, no campo da cultura, uma participação que foi por muito tempo entendida por seus críticos como alienação ou como sujeição ao controle, os entusiastas do bolapé que se espalhavam pela cidade evidenciavam uma lógica própria na sua relação com o jogo – presente tanto nos clubes suburbanos como nas associações operárias”. (PEREIRA, 2000:281)

O futebol de fábrica não pode então, ser compreendido apenas através da relação de dominação. Afinal, deve-se lembrar que os sujeitos aqui envolvidos são os capazes de assenhorear-se de seus próprios destinos, independente se estão ou não envolvidos em associações de classe.

Numa cidade de formação heterogênea quanto Nova Lima do período, na qual coexistiam negros, brancos, ingleses, espanhóis, italianos e outros mais de várias partes do país o futebol era assumido como um fenômeno capaz de construir novas identidades.

BIBLIOGRAFIA

ALMANACH MARTINS, 1864.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Brasil 500 anos: do descobrimento à Nova República: conhecendo a história do Brasil*. Belo Horizonte: Acervo Cultural, 2000.

ANTUNES, Fátima Martim R. *O futebol nas fábricas*. Revista USP: Dossiê futebol. São Paulo, nº 22. junh./jul./ago.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico – Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: s/d, 1917.

BATALHA, Cláudio H. M. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BERSTEIN, Serge. “La Culture Politique”. In rioux, Jean-Pierre & Sirinelli, Jean-François (org). *Por une histoire culturelle*. Paris, Seuil, 1984, p.271-386.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: universidade de Brasília, 1992.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 132 p.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo. Fundação Editoria da UNESP, 1997. p.157.

CALDAS, Waldenir. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. Revista USP: Dossiê futebol. São Paulo, nº22. junh./ jul./ago.

CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro; DP&A.

CASTRO, Nadya Araújo. Trabalho, cultura e sociedade: reflexão do conceito de “cultura operária”. *Política e Trabalho* 13. Setembro/1997. p.01-18.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o Futebol: Integração Social e Identidades Coletivas (1897-1927)*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC-MG, 2003.

DAMATTA, Roberto *et alli*. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinalotheke.

D’ALBUQUERQUE, Arci Tenório. *Escândalo no Morro Velho*. Rio de Janeiro: Labor, 1940.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DICIONÁRIO DO BRASIL, vol. 1, p.219.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas & Grossi, Yonne de Souza. *Historiografia e Movimento Operário: O Novo em Questão*. In: Revista Brasileira de Estudos Políticos. Número especial do Departamento de História da FAFICH – UFMG. Nº 65. Julho, 1987. p.101-130.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Presença, 1977.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem Pátria , nem patrão*. Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L & PM.

GIULLIANOT, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOLDGRUB, Franklin. *Futebol: Arte ou Guerra?* Rio de Janeiro: Imago.

GROSSI, Yonne de Souza. *Mina de Morro Velho: a extração do homem*, uma história de experiência operária: São Paulo: Paz e Terra, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *Lês Cadres Sociaux de la Memóire*. Paris: Albin Michel, 1994.

_____. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, R. J.: Vozes, 1997.

_____. *O que é sociologia do Esporte*. São Paulo; Brasiliense.

HOLLOWOOD, Bernrd. *A história de Morro Velho*. Trad. De Lúcia Machado de Almeida. London, Saint Jonh d'El Rey Mining Company LTD., 1955.

JACOBI, Pedro. *Ação Coletiva, atores sociais e cultura Política*. São Paulo: DH – 26. v-9.nº 28/1988. p.48.

LE GOFF, Jaques. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

LIBBY, Douglas Cole. *O trabalho escravo na mina de Morro Velho*. Belo Horizonte, 1979. Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

MAINWARING, S. & VIOLA, E. *Novos movimentos sociais: cultura política e democracia: Brasil e Argentina*. In.: KRISCHKE, p. & SCHERERWARREN, I. (orgs.) *Uma revolução no cotidiano/ os novos movimentos sociais na América do Sul*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re) introduzindo História Oral no Brasil*. (I encontro regional de História Oral/ Sudeste – Sul. São Paulo 26,27 e 28 de abril de 1995). São Paulo: Xamã, 1996.

MORAES, José Geraldo Vinci. *Cidade e cultura na Primeira República*. São Paulo: Atual.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A história política e o conceito de cultura política*. UFMG: Revista de História . Nº 6. 1977. p. 3-31.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória: desafios da pesquisa interdisciplinar na produção do documento oral* temas da memória e da história: interdisciplinaridade e história oral. S/d.

_____. *Memória, História e sujeito: substratos da identidade*. São Paulo, HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.3, jun. 2000.

NORA, Pierre. (1993). *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Kkoury. Projeto História (10), São Paulo: EDUC.

_____. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1986.

NORI, Célio. *Boleiros de areia: o esporte como expressão de cultura e cidadania*. São Paulo: SESC, 2002. p. 95-96.

ORTZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.

PIRES e Outros. *Morro Velho: História, fatos e feitos*. Nova Lima: Mineração Morro Velho. S. A., 1996.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder. Petrópolis*, RJ: Vozes, 1984. p.11.

Revista do Arquivo público mineiro. Ano VI – Fascículo II de abril e junho de (1901).

RODRIGUES, Edgar. *Trabalho e Conflito* (pesquisa histórica – 1900-1935). Rio de Janeiro: Arte Moderna: s/d.

SALOMON. Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins fontes, 2004

SANTOS NETO, JM. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2000. p.117. coleção Zona do Agrião.

SEVENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras.

_____. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Revista USP: Dossiê futebol. São Paulo, nº 22. jun./jul./ago.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.), Start Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes:2000.

THOMPSON, E. P. *Algunas Observaciones sobre Clase Y "Falsa Conciencia"*. Trad. Joseph Montes Pérez. *História Social*, nº 10, primavera-verano, 1991, p. 27-32.

_____. *Formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores*. Trad. BOTTMANN, Denise. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Oficinas da História, 1997. 2º ed. v. 8. p. 303-440.

_____. *Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade*. Trad. BOTTMANN, Denise. São Paulo: Paz e Terra oficinas da História, 1987. 3v. p. 111-204.

THOMPSON, Paul Richard. *A voz do passado: historia oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIANNA, Segadas. *O sindicato no Brasil*. s/l, s/e:1953.

ARTIGO NÃO PUBLICADO

1. ARTIGO NÃO PUBLICADO – História do Villa Nova. Autor: Jairo Gomes – ex. Presidente do Villa Nova e colecionador de vários materiais, inclusive iconográficos a respeito da história do clube.

DOCUMENTOS

1. Ata de fundação do Villa Nova Atlético Clube. 28 de junho de 1908.
2. Estatutos do Villa Nova Atlético Clube de janeiro de 1922 e janeiro de 1951⁵⁶.
3. Extrato da Ata da reunião do Conselho Deliberativo do Villa Nova Atlético Clube, realizada em 05 de junho de 1952⁵⁷.
4. CHALMER, George. Propening of Morro Velho – London, 1888⁵⁸
5. CHALMER, George. Morro Velho Ist March 1899⁵⁹.

⁵⁶ Documento disponível na Federação Mineira de Futebol.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ Centro de Documentação da Morro Velho – Casa Grande, Nova Lima.

6. Livro de assinatura dos sócios da *União dos Mineiros da Morro Velho e Classes Conexas*. Documentos Expedidos pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Ouro e Metais Preciosos de Nova Lima⁶⁰.

7. NOVA LIMA (MG). *Junta Auxiliar dos Operativos*. Estatuto da junta auxiliar dos operários. Villa Nova de Lima, TYP. Clark, 1904.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

A PLEBE – 28/01/1933

ESTADO DE MINAS – 21/12/1966.

ESTADO DE MINAS (01/06/1986: 1º caderno – 15)

ESTADO DE MINAS – 28/06/1998.

FOLHA DE NOVA LIMA. Setembro/1987.

FOLHA DE NOVA LIMA. Ano I nº08. Junho/1988.

FOLHA DE NOVA LIMA. Setembro/1988.

GAZETA ESPORTIVA – 27/11/1927.

JORNAL DO POVO – 21/06/1924.

LEÃO DO BONFIM NOTÍCIAS, Órgão Informativo do Villa Nova Atlético Clube - Ano I- Nº1 – Junho/89. Entrevista com os senhores: Edgard Henrique do Amparo e José Acácio de Assis Costa (Zé Fuzil).

NOVA LIMA – Esportes – Cultura e Comércio – nº 43 – 28/06/2002.

O DIÁRIO ESPORTIVO – 26/06/1945.

O SPORT – 19/10/1936.

O TRABALHADOR GRÁFICO – 25/05/1928.

RESENHA ESPORTIVA – 03/09/1946.

REVISTA VIDA ESPORTIVA – 1948.

REVISTA VIDA ESPORTIVA – 1950.

REVISTA VIDA SPORTIVA – 14/11/1927

REVISTA VIDA SPORTIVA – 13/02/1928.

VOZ DO POVO – Junho/1931.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ Acesso ao documento restrito na Casa da Cultura de Nova Lima.

ANEXO ENTREVISTADOS

- **Jesus Drumond Batista** mais conhecido por Jesus Capeta, segundo ele o apelido que lhe foi dado é devido ao grande boêmio e crítico que era em sua juventude – Nasceu em 25 de dezembro de 1924. Trabalhou no escritório da morro Velho de 1934 a 1944. Possui um acervo significativo em sua residência da história de Nova Lima e do Villa Nova Atlético Clube. Concedeu entrevista para esta dissertação em 15/12/2004.

- **Edvaldo Carvalho** – Diretor administrativo do Clube das Quintas em Nova Lima. Concedeu entrevista em 15/12/2004.

- **Benedito Custódio Ferreira** mais conhecido como Escurinho - Ex. operário jogador do Villa Nova Atlético Clube na década de 1950. Nasceu em 03 de julho de 1930. Concedeu entrevista para esta dissertação em 26/07/2005.

- **Oswaldo Liberato** mais conhecido como Vaduca. Ex. jogador do Villa Nova da década de 1950. Nasceu em 16 de agosto de 1929 dentro do Campo do Villa Nova Atlético Clube, local onde cresceu. Concedeu entrevista para esta dissertação em 29/07/2005.

- **Ítalo Ragonezzi** – Nasceu em 04 de setembro de 1934. Comerciante de Nova Lima conhece a história mais antiga do Villa através das fotos. Concedeu entrevista em 17/03/2006.

- **Maria de Lourdes** mais conhecida como Lilia – Nasceu em 07 de fevereiro de 1901. Enfermeira aposentada do hospital de Nova Lima e admiradora do Villa Nova. Concedeu entrevista em 17/03/2007.

- **Martinho Perez Rodrigues** – Nasceu em 24 de julho de 1927. Enfermeiro aposentado do hospital de Nova Lima de 1955 a 1995. Concedeu entrevista em 17/03/2006.

- **Raimundo Rodrigues** mais conhecido como Tijolino – Nasceu em 1934. Mordomo do Villa Nova na década de 1950. Concedeu entrevista em 17/03/2006.

OBS.: Outras comunicações orais também foram realizadas, e por respeito a vontade dos entrevistados os nomes não serão aqui divulgados por não haver permissão dos mesmos.